

ARTIGOS

A IDEALIZAÇÃO DE ROMA E SUA ACEITAÇÃO PELOS CRISTÃOS

(Continuação)

CAPÍTULO II

ROMA COMO CORPORIFICAÇÃO DO MAL NA LITERATURA SIBILINA E APOCALÍPTICA

Ainda aqui, na questão referente às Idades do mundo, encontramos material importante nos oráculos sibilinos, mas sem que se lhes possa atribuir - na medida dos nossos conhecimentos -, a primazia da idéia no mundo mediterrâneo. De fato, tal primazia parece caber ao poeta Hesíodo, que, no seu poema "Os trabalhos e os dias" (1), teria popularizado o mito das quatro Idades, simbolizando por um metal a decadência progressiva da Humanidade: a do ouro, caracterizada pela vida feliz, sob o governo de Cronos; a da prata, já manchada pela impiedade; a do bronze, em que os homens teriam como grande objetivo a guerra; e a do ferro, durante a qual a Humanidade, alheia a qualquer noção de Justiça, deveria sofrer a opressão dos maus e dos poderosos. É verdade que, além de Hesíodo, os oráculos sibilinos pagãos também tratavam da divisão da história do mundo em Idades, variando entretanto o número destas, de 4 a 12; se bem que não tenhamos o texto de tais oráculos, possuímos os comentários de Sêrvio e de Probo às obras de Virgílio, em que tais autores referem-se respectivamente

(1). — Vv. 109-201. Cf. Jeanmaire, "Le messianisme de Virgile", pág. 8 ss.; Prüm, "Seitsame Heilandspropheten", pág. 629; Carcopino, "Virgile et le mystère de la IV.º écologue", pág. 37; Rehm, "Der Untergang Roms", pág. 13; Hild, art. "Saeculum" in "Dictionnaire des antiquités Grecques et Romaines" de Daremberg & Saglio. Zielinski desliza completamente tal mito de tudo quanto possa ser relacionado com a Sibila, dizendo tratar-se de uma "légende des siècles", diferente e talvez mesmo independente da Sibila: "C'est la célèbre légende des 4 ou 5 âges d'Hésiode. Quatre ou cinq. En effet, la progression logique des quatre âges d'or, d'argent, de bronze et de fer est chez lui interrompue par une cinquième, l'âge des héros. Mais puisque déjà l'Antiquité s'est débarrassée de cet intrus, soit en l'identifiant avec l'âge de bronze soit en l'éliminant tout à fait, nous avons d'autant plus de droit de le négliger nous aussi" ("La Sibylle", págs. 104-105); Cf. Guthrie, "The Greeks and their Gods", pág. 298. Quanto à importância de Hesíodo para o assunto, é ela ressaltada sobremaneira por Kirby F. Smith, que assim se expressa: "The account of the Ages which we find in his "Works and Days" (109-201) is our earliest classical authority upon the subject. It is, also, to a remarkable extent, the centre and ultimate source of the later development. There were several other accounts of the early history of man, and some of them where evidently folk-legends of a high antiquity. None of them, however, is of any great importance to us" (Art. "Ages of the World", in "Encyclopedia of Religion and Ethics").

a 10 e a 4 Idades (2). De qualquer maneira, porém, a vantagem permaneceria com Hesíodo, uma vez que os oráculos deveriam tratar sempre de predições relativas “a acontecimentos políticos ou a catástrofes de impérios, mas sem referência precisa a uma concepção geral do desenvolvimento do universo e de seu futuro (3). Na melhor das hipóteses, seríamos levados a procurar a resposta para o problema de se saber quando a Sibila alargou seus horizontes a tôda a história do mundo no que nos diz Carcopino: “um oráculo sibilino — teria sido o que ordenou, em 249 a. C., a fundação dos *ludi saeculares*? — é possível, mas indemonstrável, — dividiu a história do universo em uma série de Idades distintas ou *saecula*, sendo cada uma designada pelo nome de um metal e colocada sob o signo do deus celeste que deveria presidir o seu desenvolvimento (4)”. Assim, a diferença seria bem grande a favor de Hesíodo, que viveu por volta de 700 a. C.. De qualquer modo, entretanto, nota-se um traço de concordância entre todos estes sistemas de divisão da história do mundo: é que, em lugar de haver o desenvolvimento de uma idéia de progresso, há — ao contrário — a descrição das etapas de uma verdadeira decadência, o que leva a estabelecer a primeira Idade como a melhor de tôdas, simbolizada pelo ouro, durante a qual teria vivido sôbre a terra, governando os homens, Dikè — a Justiça — “presidindo os conselhos dos Anciãos na praça pública ou nas encruzilhadas campestres, formulando sentenças de Direito e estreitamente associada às fainas agrícolas, para as quais assegurava ela a justa recompensa (5). A Idade do Ouro estaria, portanto, num passado remoto e — conforme nota Jeanmaire (6), — nem Hesíodo nem Arato (em grande voga em Roma na época de Virgílio) (7), fazem referência à possibilidade de sua volta (8). Se procurarmos investigar uma outra fonte que pudesse ter contribuído para o desenvolvimento de idéias desta espécie em Roma, iremos encontrar também este último traço, que julgamos poder chamar de “irrevogabilidade do Destino”; assim, verificaremos, entre os etruscos, que “a doutrina da prorrogação decenal serve também para estes períodos ou séculos; mas, no todo, eram concedidos dez séculos, passados os quais a Etrúria, como tôdas as outras nações, deveria desaparecer: *quibus*

(2). — Carcopino, “Virgile et le mystère de la IV.^e écloque”, pág. 38-39. E o seguinte o texto de Sêrvio: “(Carminis) Sibyllini, quae Cumana fuit et saecula per metalla divisit etiam quis que saeculo imperaret et Solis ultimum, id est, decimum, voluit” (ap. Jeanmaire, “La Sibylle et le retour de l’âge d’or”, pág. 100). A respeito das sibilas pagãs, em geral, veja-se o trabalho de Prüm, “Seltsame Heilandspropheten”.

(3). — Jeanmaire, “La Sibylle”, pág. VIII.

(4). — Op. cit., pág. 38.

(5). — Arato, “Phaenomena”, 112-113, ap. Jeanmaire, “La Sibylle”, pág. 2; Cf. Lücken, “Die Sibyllinischen Weissagungen”, pág. 17-18.

(6). — “La Sibylle”, pág. 3.

(7). — Carcopino, op. cit., pág. 151.

(8). — Lagrange, entretanto, é de opinião que Hesíodo não exclui a possibilidade do retorno da Idade do Ouro, baseando-se na interpretação do verso 175 d’“Os Trabalhos e os Dias” (“Le prétendu Messianisme de Virgile”, págs. 561, 563 e 564).

transactis finem fore nominis Etrusci (Cen., 17, 6); isto é: até o décimo século poderiam ser desviadas as ameaças do Destino, por meio de expiações, mas, uma vez passado êste século, tôda e qualquer expiação seria inútil (9)".

Teríamos assim, com Hesíodo, com a Sibila e com os etruscos, três fontes de predições aparentadas que, combinadas, poderiam ter resultado no seguinte: de acôrdo com as duas primeiras, teria havido no início da história do mundo uma Idade do Ouro, mas se Hesíodo quase nenhuma base deixava para que se pudesse afirmar a possibilidade do reinício do ciclo, já a Sibilina admitiria o retôrno da Idade do Ouro, imediatamente após a Idade do Ferro; quanto às predições etruscas, encontrariam elas também o seu lugar nesta combinação, fazendo com que as 4 Idades de Hesíodo pudessem ser consideradas como um conjunto à parte, no curso dos 10 séculos da Sibila: (10).

De qualquer maneira, porém, o que se nota é que, pelo menos, de acôrdo com estas predições, não havia segurança quanto ao retôrno da Idade do Ouro no mundo pagão. A conclusões diversas seremos levados se considerarmos a mesma questão entre os judeus, tomando como esteios duas fontes que já nos interessaram no capítulo anterior: os oráculos sibilinos e o livro de Daniel (11).

Vejamos então, inicialmente, a primeira passagem do profeta em que se trata do assunto, e que é o episódio do sonho de Nabucodonosor, interpretado por Daniel:

"Tu, ó rei, estavas olhando, e eis uma grande imagem. Esta imagem, que era enorme, e cujo resplendor era excelente, tinha-se em pé deante de ti; e a sua vista era espantosa. Quanto a esta imagem, a sua cabeça era de ouro fino, o seu peito e os seus braços de prata, o seu ventre e as suas coxas de cobre, as suas pernas de ferro, os seus pés em parte de ferro, em parte de barro. Estavas vendo até que uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, a qual feriu a imagem nos seus pés que eram de ferro e de barro, e os fêz em pedaços. Então foi juntamente feito em pedaços o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e se tornaram como a pragana das eiras de estio; e o vento levou-os, de sorte que não se achou lugar para êles. A pedra que feriu a imagem, tornou-se uma grande montanha que encheu a terra tôda."

"Êste é o sonho; e diremos a sua interpretação na presença do rei. Tu, ó rei, és rei dos reis, ao qual o Deus do céu deu o reino, o poder, a fôrça e a glória; e onde quer que habitem os filhos dos homens, nas tuas mãos entregou os animais do campo e as aves do céu, e te fêz reinar sôbre todos êles; tu és a cabeça de ouro. Depois de ti se levantará outro reino inferior a ti; e outro terceiro de cobré, o qual dominará sôbre a terra tôda. O

(9). — Nogara, "Les étrusques". págs. 106-107.

(10). — Zielinski, "La Sibylle", pág. 107.

(11). — Apenas para esclarecimento, convem informar-se que o ponto de partida para a crença nas Idades parece ter sido babilônico-irânico. Cf. Bousset. "Die Religion", pág. 504-506; Autran, "La Préhistoire du Christianisme", II, pág. 191 e ss..

quarto reino será forte como o ferro, porquanto o ferro faz em pedaços e subjuga tôdas as cousas; como o ferro esmiuça tôdas estas cousas, assim êle fará em pedaços e esmiuçará. Porque viste os pés e os dedos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, será êle um reino dividido; mas nele haverá alguma cousa da firmeza do ferro, porquanto viste o ferro-misturado com o barro de lodo. Como os dedos dos pés eram em parte de ferro, e em parte de barro, assim o reino será em parte firme e em parte frágil. Porque viste o ferro misturado com o barro de lodo, misturar-se-ão com a semente de homens; porém não se apegarão um a outro, assim como o ferro não se une com o barro. Nos dias d'esses reis suscitará o Deus do céu um reino que jamais será destruído, nem passará a soberania d'este a outro povo; mas fará em pedaços e consumirá todos êstes reinos, e êle mesmo subsistirá para sempre. Porquanto viste que do monte foi cortada uma pedra sem auxílio de mãos, e que ela fez em pedaços o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de acontecer no futuro. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação (12)".

Ora, não deixa de ser interessante que também aqui se encontre o mesmo papel simbólico dos metais e, se bem que não haja expressamente mencionada a idéia de decadência, há sempre a degradação progressiva do metal simbólico, desde o ouro até o ferro, e assim mesmo misturado com barro (13). Quanto à grande novidade d'este trecho, encontrámo-la na predição de uma verdadeira volta da Idade do Ouro (como a entendiam os pagãos), ou seja, na profecia do reino suscitado por Deus e que jamais seria destruído, porquanto consumiria todos os outros e subsistiria para sempre. E dizem mesmo que se trata de *volta*, porque os judeus, sem que falassem com os mesmos termos dos pagãos em "Idade do Ouro", colocavam no início da história do mundo um período paradisiaco, bruscamente interrompido pelo pecado original.

Três são os principais sistemas de interpretação do episódio da estátua (14): o romano, que é aceito por Santo Hipólito e São Jerônimo; o grego, de Santo Efraim Siro; e o siríacc, de autoria do filósofo neo-platônico Porfírio. O segundo e o terceiro sistemas terminam, praticamente, por localizar no quarto reino os Diadocos, o que os caracteriza por serem orientados por um critério mais histórico-racionalista; o autor do livro de Daniel, escrevendo na época dos Macabeus, não teria vaticinado a respeito de cousas futuras, mas simplesmente teria feito uma relação simbólica dos principais impérios, desde o babilônico até o de Antíoco Epifânio. E os defensores do sistema grego apoiam-se ainda no fato de que nada está contido no livro a respeito de um período que ultrapasse a época de Antíoco IV.

(12). — Daniel, 2, 31-45.

(13). — "... parenté évident avec le mythe des quatre âges du monde. — l'âge d'or, l'âge d'argent, l'âge de bronze et l'âge de fer, — tel qu'on le trouve aux Indes, chez les Perses et chez les Grecs, notamment chez Hésiode" (Lods, "La Religion d'Israël", pág. 226).

(14). — Linder, "Commentarius in librum Daniel", pág. 154 e ss..

O sistema romano, que é o que mais nos interessa, teria surgido como resultante da necessidade de uma reinterpretação do livro de Daniel, que o adaptasse às novas condições surgidas com a substituição do poderio grego pelo romano no Mediterrâneo Oriental (15); as diferentes partes da estátua corresponderiam, então, aos seguintes reinos: Neo-Babilônico, Medo-Persa, Greco-Macedônico (abrangendo o Império de Alexandre e o período dos Diádocos) e Império Romano. Temos assim travado novamente contacto com o tema central do nosso trabalho: a idealização de Roma e de seu papel na História.

No próprio livro de Daniel encontra-se outra narração de um sonho, desta vez do profeta, onde há novos símbolos que os intérpretes atribuem às mesmas idéias já expostas em relação ao sonho de Nabucodonosor. Apenas, agora, os metais são substituídos por animais, como se vê:

"No primeiro ano de Belshazzar, rei de Babilônia, teve Daniel um sonho e visões da sua cabeça, estando na sua cama; então escreveu o sonho e relatou a soma das cousas. Falou Daniel e disse: Vi na minha visão noturna, e eis que os quatro ventos do céu irrompiam sôbre o grande mar. Quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como um leão, e tinha azas de água; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as azas, êle foi levantado da terra, e posto em dois pés como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. Eis outro animal, o segundo, semelhante a um urso, que se levantou sôbre um dos seus lados, e tinha três costelas na boca; e diziam-lhe assim: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto estava eu olhando e eis outro, semelhante a um leopardo, que tinha nas costas quatro azas de ave; tinha o animal também quatro cabeças, e foi-lhe dado dominio. Depois disto vi nas visões noturnas, e eis um quarto animal, terrível e espantoso, e sobremaneira forte; tinha grandes dentes de ferro; devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava: era diferente de todos os animais que o precediam, e tinha dez chifres. Eu considerava os chifres, e eis que entre êles subia outro chifre, pequenino, deante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos como olhos de homem, e uma boca que falava grandes cousas. Eu estava olhando até que foram postos uns tronos e um que era antigo de dias se assentou; o seu vestido era branco como a neve, e os cabelos da sua cabeça como pura lã; o seu trono era chamas de fogo, e as rodas do mesmo fogo ardente. De deante dêle manava e saía um rio de fogo; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades assistiam deante dêle; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Eu estava olhando nesse tempo, por causa da voz das grandes palavras que falava o chifre. Eu estava olhando até que foi morto o animal e destruído o seu corpo; e êle foi entre-

(15). — Charles, "Religious development between the Old and the New Testaments", págs. 29 e 162-163: "... a now and more ruthless power had taken the place of the Greek empire in the East. This new phenomenon called, therefore, for a fresh reinterperation of Daniel. The fourth and last empire, which, according to Dan. VII 19-25, was to be Greek, was now declared to be Roman by the writer of 2 Baruch XXXVI-XI, and likewise by the author of 4 Ezra X. 60-XII. 35.

que para ser queimado pelo fogo. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o seu domínio; todavia as suas vidas foram prolongadas para uma estação e um tempo."

"Vi nas visões noturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como filho de homem, que se chegou até o antigo de dias; foi apresentado deante d'ele. Foi-lhe dado domínio, e glória e um reino, para que todos os povos, nações e linguas o servissem; o seu domínio é um domínio sempiterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído."

"Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi contrariado no meio do meu corpo, e as visões da minha cabeça me perturbaram. Cheguei-me a um dos circunstantes, e perguntei-lhe a verdade a respeito de tudo isto. Assim êle me disse, e fêz-me saber a interpretação das cousas. Estes grandes animais, que são quatro reis, que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para sempre, sim, para todo o sempre. Então tive desejo de saber a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos êles, sobremaneira terrível, cujos dentes eram de ferro; e as suas unhas de cobre, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava: a respeito dos dez chifres que êle tinha na cabeça, e a respeito do outro chifre que subiu, e deante do qual caíram três, a saber, daquele chifre que tinha olhos, e uma boca que falava grandes cousas, e pareceu ser mais robusto do que os seus companheiros. Eu estava olhando, e o mesmo chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra êles, até que veio o antigo de dias, e o juízo foi dado aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuiram o reino."

"Êle disse assim: o quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos e devorará tôda a terra, e a pisará aos pés e a fará em pedaços. Quanto aos dez chifres, dêste reino se levantarão dez reis; depois dêles se levantará outro; êle será diferente dos primeiros e abaterá a três reis. Êle falará palavras contra o Altíssimo, e consumirá os santos do Altíssimo; cuidará em mudar os tempos e a lei, e os santos lhe serão entregues nas mãos até um tempo e metade dum tempo. Mas o juízo se assentará, e tirar-lhe-ão o domínio, para o consumir e destruir até o fim. O reino e o domínio, e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: êste reino é um reino sempiterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão (16)".

Ora, a correspondência entre as imagens já era perfeitamente assente por Santo Hipólito (17), que teria composto o seu comen-

(16). — Daniel, 7, 1-27. Tal capítulo foi, por alguns, considerado como uma interpolação cristã no Antigo Testamento. Cf. Christ, "Geschichte der griechischen Literatur", II, pág. 576; E. Hertlein "Der Daniel der Römerzeit", Leipzig, 1908, hat die von P. de Lagarde, Gött. Gel. Anz. 1891, 497-520, ausgesprochene Vermutung, dass Teile des Danielbuchs aus der Römerzeit stammen (Kap. 7 aus dem Jahr 69 n. Chr.), wieder aufgenommen und erweitert; auch M. Pflanzl, "Ein christliches Schriftstück im Alten Testament", Internat. Kirchl. Zeitschr. N.F. 6 (1916) 277-299 deutet das 4. Danielische Reich auf Rom und erklärt Kap. 7 als christliches Schriftstück; vgl. auch K. J. Neumann, Lit. Zentrablatt 67 (1916) 811-813. In der Tat verschwinden bei dieser Annahme manche Schwierigkeiten der Erklärung; andererseits ist es, von anderem abgesehen, nicht wahrscheinlich dass ein so spät abgeschlossenes Buch noch Aufnahme in den vattestamentliche Kanon gefunden hätte".

(17). — "In Danielen", I, III, in Migne, P. G., X: "I" — "Cum dixit Iosephum ex mari, Babyloniorum regnum constitutum significavit, et hoc esse si-

tário por volta de 202 (18). São Jerônimo, que certamente a êle recorreu (19), seguiu-o neste ponto, de tal modo que se torna bem clara a correspondência entre os símbolos, permitindo a elaboração de um pequeno quadro, abrangendo os capítulos 2, 32-45 e 7, 2-27 do livro de Daniel, tal como o fêz Aug. Bea (20):

A 2, 32-45: Statua	B 7, 2-27: bestiae
1) Caput: aurum (2, 37s)	1) leo cum alis aquilae (7, 4)
2) Pectus et brachia: argentum (2, 39)	2) Ursus cum latere inaequali, 3 costae (7, 5).
3) Venter et femora: aëis (2, 39)	3) pardus cum 4 alis et 4 capitibus (7, 6).
4) Tibiae et pedes: ferrum et lutum (2, 33. 40-43)	4) bestia terribilis cum 10 cornibus (7,7-8. 11. 19-26)

Quer-nos parecer — como já o dissemos — que a grande importância destas passagens reside na previsão de uma nova ordem, tal como se depreende de 2, 44-45 e de 7, 26-27. Mas o que se nota também, é que esta ordem só poderá ter lugar após o restabelecimento da justiça, violada pelo elemento simbolizado pelo 11.º chifre, mencionado em 7, 24 (21) e que pode ser interpretado de duas maneiras, conforme o sistema que se considere: se nos colocamos num ponto de vista estreitamente histórico-racionalista, tal ele-

mulaeri caput aereum. Dicens autem alae ejus aquilae (significavit) regem Nabuchodonosor exaltatum, ipsiusque gloriam contra Deum elatam fuisse. Deinde dixit evulsae sunt alae ipsius, quia eversa fuit gloria ejus; e regno enim suo expulsus est. Dicens vero: Cor hominis datum est ei, et super pedes hominis stetit, (indicat) eum resipuisse, quando se hominem esse agnovit, ac dedit gloriam Deo. Porro post leonem, secundam bestiam vidit similem ursu, qui erant Persae; namque post Babylonios, persae obtinuerunt. Dicendo autem, tria latera in ore ejus, tres gentes ostendit, Persas, Medios, Babylonios; quemadmodum argentum in simulacro post aurum demonstratum est. Sequitur tertia bestia, pardus, qui erant Graeci; namque post Persas Alexander Macedo, sublato Dario, crum potitus est; quod in simulacro aes indicavit. Quod autem dicit, alae quatuor volueris, et quatuor capita bestiae, luculenter ostendit quo pacto Alexandri dominatio in quatuor partes distracta fuerit; quatuor enim capita dicens, quatuor reges, qui ex ea surrexerunt significavit; supremum enim diem obiens Alexander, regnum suum in quatuor partes divisit. Postea, inquit, quarta bestia terribilis atque stupenda dentes ipsius ferrei, et unguis ipsius aerei. Quinam vero hi sunt, nisi Romani? Quorum regnum in praesentia existens ferro (in simulacro) comparatur; crura enim ejus, inquit, ferrea.

III — ... Caput aureum simulacri, est leocna, qua Babylonii repraesentabantur; humeri, et brachia argentea, ursus, quo Persae designabantur et Medi. Venter et femora aenea, pardus, quo Graeci qui ab Alexandro imperarunt, significabantur; crura ferrea, bestia stupenda, ac terribilis, Romani erant, qui modo imperium tenent; ...

(18). — Bardenhewer, "Des heiligen Hippolytus von Rom Kommentar zum Buche Daniel", pág. 68.

(19). — Idem, pág. 10. São Jerônimo inclui Hipólito no "De Viris", 61.

(20). — "Quaestiones litterariae, criticae, historicae in l. Daniels" (1837). pp. 46 s. ap. Linder, op. cit., pág. 159.

(21). — Linder, op. cit., pág. 317.

mento será o próprio Antíoco Epifanes (22), e como “povo dos santos do Altíssimo” o autor teria em mente designar apenas Israel, “para quem, nos designios de Deus o império do mundo está destinado (23)”; se considerarmos que o livro de Daniel trata de legítimas profecias, teremos então naquele símbolo o Anticristo tão falado e esperado pelos autores cristãos dos primeiros tempos de nossa era. De qualquer modo, a conclusão será sempre a mesma: previsão de uma idade de Justiça após a punição de uma entidade maléfica e opressora; tal idéia servia de consôlo aos judeus, tanto mais quanto acreditavam³ eles ser evidente “que a duração do período de aflição fôra determinada desde o princípio, e que mesmo esta duração tinha um secreto significado (24)”.

Quanto aos Oráculos Sibilinos judeus, encontramos também na sua parte mais antiga a mesma preocupação de divisão da história do mundo em Idades, da sucessão dos impérios e da perspectiva de uma era messiânica, após o castigo dos opressores de Israel. Sem nos determos na complicadíssima questão da localização no tempo dos diversos trechos do livro III, uma vez que, com exceção de uns poucos versos que alguns querem datar do primeiro século da era cristã, todo o amálgama deve ser situado entre 140 e 25 a. C. (25), passemos a ver as passagens mais interessantes de tais Oráculos.

Em um dos trechos mais antigos da composição — texto que já teria sido mencionado por Alexandre Polyhistor (mais ou menos em 80 a. C.) (26), — nota-se a referência a uma décima Idade, marcada pelo reinado de Crono e que, portanto, deveria corresponder também à passada Idade do Ouro, cujo fim seria assinalado pela luta de Titã e de seus sessenta filhos contra Crono (27). “Pa-

(22). — Lagrange. “Le Judaïsme”, pág. 66.

(23). — Driver, “The book of Daniel”, pág. 104: “The parallelism between the vision and the interpretation, is complete; the time is the same, the promise of perpetual and universal dominion is the same; and hence a strong presumption arises that the subject is also the same, and that the “one like unto a son of man” in v. 13 corresponds to, and represents, the “saints of the Most High” of v. 18, and the “people of the saints of the Most High” of v. 27, i. e. the ideal Israel, for whom in the counsels of God the empire of the world is designed.” (ap. Linder, op. cit., pág. 313, n. 1). Aliás, São Jerônimo é de opinião que os judeus sempre passaram a considerar a profecia em seu favor (Cf. Linder, op. cit., pág. 173).

(24). — Graetz, “A History of the Jews”, I, pág. 466.

(25). — Cf. Jeanmaire, “La Sibylle”, pág. 53 n. 2.

(26). — Idem, pág. 101.

(27). — Vv. 97 e ss.: “... Mas, quando se realizarem as ameaças que o Grande Deus tinha proferido contra estes mortais que construíram uma torre no país assírio (eles falavam todos a mesma língua e queriam escalar o céu estrelado...). Imediatamente o Imortal impôs aos ventos uma grande lei fatal; e, imediatamente, os ventos derrubaram a torre, que era de uma altura imensa, e suscitaram querelas entre os mortais. Eis porque os mortais deram à cidade o nome de Babilônia”.

“Quando a torre caiu e as línguas dos homens alteraram-se em mil sons diversas, a terra inteira encheu-se de mortais, e os reis partilharam-na. Veio então a décima Idade dos homens com voz articulada, desde o cataclisma que caíra sobre os primeiros humanos. Então reinaram Crono, Titã e Japeto...” (Ap. Delaunay. “Moinés et Sibylles” dans l’antiquité judéo-grecque”, págs. 336-337).

rece, também, que o autor conta uma sucessão igualmente de 10 Idades, caracterizadas por outros tantos impérios e pela hegemonia dos diversos povos, desde o tempo de Saturno até a sua própria época, que, no seu pensamento — bem entendido — corresponde a uma época crítica da história do mundo: nos versos 156-161 encontramos, com efeito, uma enumeração de 8 impérios sucedendo-se após o fim da era dos Titãs (28)". Jeanmaire continua citando os versos mencionados (29) e anotando que "se trata, provavelmente, como em Daniel, de impérios chamados a exercer sucessivamente a hegemonia. O ponto de vista é egípcio, o que explica a menção de um período etíope (a XXVa. dinastia de Manetão)". Entre os versos 163 e 195 voltam os oráculos a tratar da sucessão dos impérios e, dando bem claramente a idéia de seu caráter composto (30), assim se expressam:

"O Deus Único me inspira afim de que eu possa revelar, em primeiro lugar, tôdas as realezas humanas que surgirão."

"A primeira, a casa de Salomão, dominará a Fenícia, a Ásia, as Ilhas, as nações dos pânfilos, dos persas, dos frígios, dos cários, dos mísiões e dos lídios, que possuem ouro em abundância. Em seguida reinarão os gregos soberbos e cruéis; o povo da Macedônia reinará ao longe sobre diversas regiões e suscitará aos mortais a temível tempestade da guerra. Mas o Deus celeste tirará as suas raízes até os seus fundamentos".

"Então virá o início de uma outra potência, branca e com muitas cabeças, vinda do mar do Ocidente. Ela reinará sobre muitas regiões, ela abalará muitos povos; ela espantará todos os reis; ela arrancará grande quantidade de ouro e de prata a um grande número de cidades. Haverá novamente sobre a terra divina o ouro e, depois, ainda o dinheiro e o luxo. Eles oprimirão os mortais. Estes homens cairão depois de terem reinado com excesso de fasto e de iniquidade. Neles residirá o gênio da impiedade; o macho se aproximará do macho; eles colocarão as crianças nos vergonhosos lugares do deboche. Haverá nestes dias uma grande tribulação entre os homens. Este povo desordenará tudo, quebrará tudo; devorado pela sede execrável do ouro e por amor de um lucro sórdido, levará ao cúmulo as calamidades em muitas regiões, sobretudo na Macedônia."

O que se vê de mais interessante para o nosso assunto, neste trecho, é já a menção expressa da potência romana, que outra não é a "potência branca e com muitas cabeças" (31) e que já é tra-

(28). — Jeanmaire, op. cit., págs. 102-103. Delaunay, op. cit., pág. 254 e ss..

(29). — "E então Deus perdeu os Titãs; e toda a descendência dos Titãs e de Crono pereceu... Depois disto, no curso dos tempos, surgiu o reino do Egito; depois surgiram os dos persas, dos medas, dos etíopes, da Babilônia assíria, em seguida o dos macedônios, novamente o do Egito, e depois o de Roma".

(30). — Tal caráter evidencia-se porque é muito difícil que se possa ver neste trecho a continuação do precedente, uma vez que, em caso contrário, o sibillista não só repetir-se-ia, mas ainda mais, cairia em contradição. "Estamos em presença de uma nova perspectiva histórica, que nada tem a ver com a precedente" (Delaunay, op. cit., pág. 339, n. 4).

(31). — Delaunay, op. cit., págs. 256 e 341, n. 1. Bousset, "Sibyllen", pág. 270.

tada pelo sibilista judeu com ódio digno de nota, o que poderia ser interpretado como sendo, tanto o reflexo do sentimento do vencedor amaldiçoando o vencedor, como o eco de indignação do discípulo de Moisés, ao anatematizar os pagãos de costumes dissolutos (32). Os ataques a Roma, aliás, reparam-se em outras passagens do livro III como, por exemplo, no verso 520 e no verso 638, ao qual já nos referimos.

Por fim a terceira grande idéia de que estamos tratando, a do retôrno de uma era de paz e de prosperidade, encontra-se também nos Oráculos, como se observa pela leitura das passagens seguintes:

"Mas logo a paz, reconduzindo a calma, virá sôbre a terra da Ásia. Então haverá também felicidade para a Europa, época de fartura, de vida longa e de robustez, isenta de tempestade e de granizo, em que se multiplicarão todos os animais da terra, os que voam e os que rastejam. Bem-aventurados os que viverão neste tempo, homens ou mulheres, como nos tempos fabulosos, sob o cajado dos Bem-aventurados. É que Boa Lei (Eunomia) deixando o céu estrelado virá para ficar entre os homens, e Boa Justiça e, com ela, a Sábia Concórdia (Homonoia) preferível para os mortais a qualquer cousa, e Amor ao próximo, Boa Fé, Boa acolhida ao estrangeiro; ir-se-ão Má Lei, Má Ironia, Cólera, incompreensão; Pobreza fugirá da Humanidade assim como a Fatalidade e o Asassinio, e as Discórdias mortais e as funestas Quêrelas (e os ladrões noturnos e todo o mal, nestes dias) (33)".

"A terra, que tudo produz, dará aos mortais excelentes frutos, frumento, vinho e azeite. Do céu correrá a doce beberagem do doce mel; as árvores prodigalizarão seus frutos; os gordos rebanhos de bois, de ovelhas e de cabras multiplicar-se-ão ao infinito. Ele (Deus) fará brotar fontes agradáveis de leite branco como neve. As cidades regorgitarão de bens; os campos serão férteis. Não mais o gládio, não mais tumulto sôbre a terra; não mais êstes estremecimentos profundos que sacodem o solo gemente; não mais a guerra, a séca, a fome, o granizo malfeitor e mortífero para os frutos. Uma grande paz reinará sôbre a terra; o rei guardará amizade ao rei até o fim dos séculos; o Imortal no céu estrelado dará aos homens por tôda a terra uma lei comum, que ensinará o que é necessário fazer aos mortais infortunados... (34)".

"...E então surgirá um reino, que durará eternamente e que se estenderá sôbre tôda a humanidade. Aquêle que deu aos homens pios uma lei santa, prometeu a todos êles abrir-lhes a terra, o mundo, as portas dos bem-aventurados, tôdas as delicias, o espirito imortal e a felicidade eterna. De tôda a terra levar-se-á incenso e presentes à casa do Grande Deus; e não haverá outra casa a venerar para as gerações humanas do futuro sinão aquela que Deus deu ao respeito dos homens fiéis. Os mortais a chamarão o Filho do Grande Deus".

"Todos os caminhos da planície, os rochedos escarpados, as altas montanhas, as ondas furiosas do mar, serão fáceis de serem

(32). — Delaunay, idem, idem.

(33). — Vv. 367-380, ap. Jeanmaire, "La Sibylle", pág. 56-57.

(34). — Vv. 744-759, ap. Delaunay, "Moines et Sibylles" pág. 367-36.

percorridas nestes dias. Uma paz e uma felicidade profundas reinarão sobre a terra. Os profetas do Grande Deus suprimirão o gládio; porque eles serão os juizes e os reis equitativos dos mortais. Os homens gozarão de riquezas que não serão adquiridas por injustiça. Será a judicatura e a magistratura do Grande Deus."

"Alegra-te, ó jovem, estremece de alegria; Aquêlê que criou o céu e a terra deu-te uma felicidade eterna. Ele habitará em ti; a ti pertencerá a luz imortal. Os lobos misturados aos cordeiros comem a herva sobre as montanhas; os leopardôs e os cabritos pastarão juntos; os ursos vagabundos serão guardados juntamente com as bezerras. O carnicheiro leão comerá a palha da mangedoura como o boi; e ternas crianças os conduzirão encadeados. Ele (Deus) fará rastejar inofensivo sobre o solo o animal feroz. Os dragões dormirão com as crianças sem prejudicá-las; porque a mão de Deus estará sobre eles (35)''

Mas, como sempre, êste quadro de felicidade completa só poderá ser realizado quando todos os povos cpressores dos israelitas (tão louvados em tantas passagens como "os homens que têm cuidado da justiça e da virtude) (36), sofrerem o merecido castigo, uma vez que "o julgamento de Deus cairá sobre eles; todos perecerão sob a mão do Imortal (37)''.

E' de se crêr que os textos acima invocados nos dão perfeitamente, não só a idéia da situação de Roma como cabeça do último império, mas ainda mais, a de que ao domínio romano corresponderia o pior de todos os períodos e de que de sua destruição dependeria o retôrno de uma era de paz e de prosperidade. Tal era, que entre os pagãos recebia a designação de Idade de Ouro, seria consagrada entre os judeus sob o nome de Período Messiânico, uma vez que as esperanças do Judaísmo orientavam-se para uma era futura em que, ao contrário da presente — caracterizada pelo domínio das forças demoníacas e pelo afastamento de Deus do govêrno do mundo — o próprio Deus assumisse a direção dos negócios terrenos, enviasse o Messias, a fim dêste realizar o julgamento da humanidade, mandando os ímpios para os eternos pântanos do Inferno, destruindo os inimigos de Israel e, como novo Davi, mas muito mais poderoso, reinasse sobre Israel engrandecido e sobre todo o mundo (38).

Com o advento do Cristianismo tais idéias não sofreram, a princípio, modificações sensíveis, tanto assim que há tôda uma literatura que nos permite verificar a sua continuação durante o início da nova época que se abria para o mundo mediterrâneo. Trata-

(35). — Vv. 767-795, ap. Delaunay, op. cit., págs. 368-370.

(36). — V. 234, ap. Delaunay, op. cit., pág. 346. Aliás, trata-se de tôda uma passagem dedicada a louvar os israelitas, da qual o citado verso é apenas o primeiro.

(37). — V. 672, ap. Delaunay, op. cit., pág. 362.

(38). — Holztmann, "Lehrbuch der neutestamentlichen Theologie", I, págs. 76 ss., 84, ap. Pfister, "Das Christentum und die Angst", pág. 142; Cf. Guntermann, "Die Eschatologie des Hl. Paulus", pág. 3; Weber, "Kulturgeschichte als Kulturosoziologie", pág. 168.

se, em primeiro lugar, dos Oráculos Sibilinos, que continuam a surgir, mas com uma diferença: agora, têm eles duas fontes, uma vez que, além da judaica, há também a cristã (39). Tanto judeus como cristãos mantêm as características essenciais desta complicada produção literária, repetindo-se, então, os protestos contra o domínio romano, as queixas dos judeus vencidos e dos cristãos oprimidos, e as esperanças no advento de uma nova era de felicidade, após o castigo da potência opressora; contrariando as páginas de glorificação aos destinos de Roma, e que são tão marcantes na literatura do período, o que se reflete nos Oráculos é o ódio aos romanos, a cólera e o desejo de vingança e de desforra do Judaísmo ou do Judeu-Cristianismo. E' o que leva Boissier a afirmar que "devemos render justiça aos poetas sibilinos, que não variaram nos seus sentimentos. Antes mesmo de ter sofrido o jugo dos romanos, já eles detestavam Roma. Seu poder não era ainda senão uma ameaça longínqua, suas legiões não haviam ainda aparecido no Egito e na Síria, e eles a assinalavam a todo o mundo como um grande perigo e uma grande inimiga. Naturalmente, detestaram-na ainda mais quando a conheceram de perto. Uma vez conquistado o mundo, as imprecações redobram. Todos estes poetas, freqüentemente de opiniões diversas e que pertenciam a religiões diferentes, entraram em acôrdo no ódio que sentiam em relação a Roma, na alegria que experimentavam ao anunciar-lhe a punição próxima e ao descrever de antemão o seu castigo (40)". Se continuarmos a observar o conteúdo dos oráculos, teremos bem depressa a oportunidade de verificar o acerto destas palavras. Vejamos assim, primeiramente, os sibilinos judeus posteriores ao advento do Cristianismo e dos quais os mais interessantes para nós são o quarto e o quinto.

O livro IV é particularmente notável por ter sido escrito sob a influência dos desastrosos acontecimentos que culminaram com a tomada de Jerusalém por Tito, em 70, e com a destruição do templo, o que não pode ter deixado de contribuir para que mais densa fôsse a ira do sibilista (41). Como já se viu no livro III e como se verá também entre os cristãos, surge no livro IV a divisão da história do mundo em 10 idades, correspondendo sempre o domínio romano ao fim da 10.ª idade (42), desempenhando Roma o papel de grande inimiga do povo eleito: nos versos 115-116 é feita referência à guerra de Pompeu no Oriente e à tomada do templo

(39). — A primeira obra cristã em que a Sibila aparece é o "Pastor" de Hermas, na visão II, § 4. Cf. Lanchester, art. Sibylline Oracles, in "Encyclopedia of Religion and Ethics"; Wendland, "H. R. K.", pág. 387; Prümm, "Seltsame Heilandspropheten", pág. 619.

(40). — Boissier, "La fin du Paganisme", II, pág. 22.

(41). — Cf. Geffcken, "Neutestamentliche Apokryphen", pág. 401.

(42). — IV, 18 ss.: E Ele (Deus) que... me ordena que anuncie exatamente aos homens o que aconteceu até agora, o que acontecerá mais tarde, desde a primeira idade até a décima". Idem, v. 48 ss.: "Agora direi o que acontecerá, a partir da primeira idade" (segue-se a descrição das idades).

(43), acompanhada por “assassínios abomináveis” e, logo em seguida, à própria campanha de Tito, como se vê:

“Um chefe romano virá para a Síria e, após ter entregue o templo às chamas, passará a fio de espada muitos habitantes de Solima e arruinará a grande e magnífica região dos judeus (44)”.

O castigo não tardaria a cair, entretanto, sobre a cidade pedadora, e sibilista vê o seu primeiro indício na erupção do Vesúvio (45), sinal de que a ira divina já se abatia sobre os que exterminaram a raça inocente dos homens piedosos (46); seguir-se-ia uma série de catástrofes, depois das quais Roma restituiria em dôbro todas as riquezas que tivesse roubado à Ásia (47). Após este prelúdio sobreviria então o castigo final, em virtude do qual os homens, as cidades, os rios e o mar seriam destruídos, sendo o mundo transformado numa poeira denegrida (48); e depois disto instalar-se-ia o julgamento divino, findo o qual aqueles que tivessem praticado a piedade reviriam “no mundo imperecível e bem-aventurado do Grande Deus Imortal”, que como recompensa de sua piedade dar-lhe-ia a “respiração, a vida e a alegria” (49). Este quadro de felicidade motiva então as palavras finais do poeta: “Oh! feliz o homem que viver até tais tempos” (50).

O livro IV é uma das últimas coleções de oráculos surgidas antes do aparecimento de seus congêneres cristãos, remontando aproximadamente ao ano 80 (51), e não deixa de ser interessante notarmos que não há unanimidade entre os comentaristas a respeito de sua origem exclusivamente judia; de fato, um dos mais considerados entre os conhecedores do assunto, Ch. Alexandre (52),

(43). — “A funesta tempestade da guerra cairá também da Itália sobre Solima, e devastará o grande templo de Deus. Quando, confiando na sua loucura e ultrajando a piedade, tiverem eles cometido assassínios abomináveis ao redor do templo...”

(44). — IV, 125-127.

(45). — IV, 130 ss.: “E quando das entranhas rasgadas da terra da Itália uma chama lançar-se até o vasto céu, consumindo muitas cidades, fazendo perecer os homens e enchendo com uma cinza obscura a imensidão dos ares; quando gotas semelhantes ao vermelho caírem do céu, reconhecer-se-á então a ira do Deus Celeste, ira causada pela perda da nação inocente dos homens piedosos.” Cf. Jeanmaire, “La Sibylle”, pág. 54.

(46). — Cf. Simon, “Verus Israel”, pág. 63.

(47). — IV, 145-147.

(48). — IV, 152 e ss..

(49). — IV, 178 e ss..

(50). — IV, 190. Cf. III, 371.

(51). — Bousset, “Sibyllen”, pág. 276; Simon, “Verus Israel”, pág. 57; Delaunay, op. cit., pág. 323; Christ, op. cit., II, pág. 614; Puech, op. cit., II, 607.

(52). — Ap. Delaunay, op. cit., pág. 375, n. 1, não aceito pelo autor, que vê em certos traços do livro IV, como por exemplo, a atenuação do papel dominador e glóriofo de Israel, a expressão da largueza de vistas do monaquismo judeu-alexandrino (op. cit., pág. 336, n. 1). Simon, afirmando o caráter integralmente judeu do livro IV, atribui tais traços a uma concepção espiritualista que o poeta deveria ter a respeito do culto (“Verus Israel”, pág. 57, 59). Não percamos de vista, entretanto, que “les juifs de la diaspora ne se séparaient pas, au point de vue religieux, de Jérusalem, leur métropole; tout au plus marquaient-ils une inclination plus nette vers un culte spirituel et vers un universalisme théorique et pratique plus franc” (Bonsirven, “Le Judaïsme Palestinien au temps de Jésus-Christ”, I, pág. VI).

opina: pela crença cristã do sibillista, o que contribuiria para que se pudesse afirmar a semelhança de sentimentos entre judeus e cristãos em relação a Roma, no primeiro século de Cristianismo. De qualquer maneira, porém — e juntamente com o livro V — está o livro IV numa situação de marco na cronologia dos oráculos sibilinos, porquanto a partir da época de sua composição principiam a surgir também os oráculos indiscutivelmente cristãos, ou judeu-cristãos, ao lado dos judeus e calcados nestes (53).

No livro V, em que apenas algumas interpolações cristãs impedem que se fale numa coleção exclusivamente judia (54), repetem-se os temas da profecia da era messiânica e das ameaças contra Babel-Roma, em declarações apaixonadas que revelam o ódio exasperado de sua origem judaica (55). Mais violentas do que as do livro IV são as imprecações contra Roma, duplamente culpada, como ímpia e pecadora e como perseguidora dos judeus, “cidade má, detestável entre tôdas... essencialmente impura... de coração criminoso e ímpio (56)”, causa da morte de muitos entre os hebreus, “santos e piedosos (57)”, que acabará terrivelmente castigada pela ira divina, precipitada nas chamas ardentes do Tártaro, morada infernal dos criminosos (58)”, enquanto que as provações serão poupadas à “raça divina e celeste dos judeus bem-aventurados”; mesmo porque as catástrofes não atingirão a Palestina, sede da glória futura dos judeus (59).

(53). — Bousset, “Sibyllen”, pág. 269. Lücken, “Die sibyllinischen Weissagungen”, pág. 35, pretere a designação judeu-cristãos, em lugar de cristãos, para tais oráculos.

(54). — Trata-se dos versos 256-259. Cf. Geffcken, “Handbuch zu den Neutestamentlichen Apokryphen”; Christ, op. cit., II, 614, n. 9; Puech, op. cit., II, 607, n. 2, em que o autor é de opinião que também os versos situados nas imediações do de numero 68 são interpolados cristãos.

(55). — Blass, in Kautzsch, op. cit., pág. 183. Tal ênfase explicar-se-ia em virtude das circunstâncias em que, provavelmente, foi composto o livro V, na época da destruição do templo (Geffcken, ap. Bousset, “Sibyllen”, pág. 276); não são desta época, entretanto, os versos iniciais, de 1 a 51, originados no período dos Antoninos. Quanto a autoria, há divergências: Geffcken, “Komposition und Entstehungszeit der Oracula Sibyllina”, pág. 238, ap. Christ, op. cit., II, pág. 514, n. 12) opina por um único autor para a principal parte do livro, que se estende do v. 53 ao 511; Schürer (“Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu-Christ”, III, pág. 581 ss., ap. Christ, op. loc. cit.) e Zahn (“Zeitschrift f. kirch. Wiss. u. Leben”, VII, 37 ss., ap. Bousset, “Sibyllen”, pág. 276), ao contrário, pretendem distinguir aí vários autores.

(56). — Vv. 165 e ss. Cf. Simon, op. cit., pág. 63.

(57). — Vv. 160-161. Cf. Simon, idem, idem.

(58). — Vv. 172-178: “Tu não reconheceste do que Deus é capaz e o que Ele pode chegar a fazer, mas tu dizias: eu sou a única, e ninguém me destruirá. Mas agora o eterno Deus destruirá a ti e a todos os teus, e não mais existirá de ti sinal algum naquela terra, como antigamente, quando o grande Deus descobriu a tua glória. Fica só, infâme, e com o fogo flamejante misturando-se a ti, torna como morada, no Hades, o tartárico, abominável lugar.”

(59). — Vv. 248-250: “... assim será naqueles dias a divina raça dos bem-aventurados judeus de origem celeste, que habitam nos arredores da cidade de Deus, no interior das terras...”

Vv. 260-268: “Não mais atormente o teu coração “no peito pela espada”, tu de origem divina, tu, Rica, única flor almejada, nobre luz e digna vergôntea, amado rebento, suave, bela cidade judia, por Deus inspirada para as canções. Não mais bacanalmente delirará ao teu redor na tua terra o ímpio pé dos Heleus, alimentando sentimentos criminosos no peito, mas teus filhos valorosos honrar-te-ão até as alturas e aproximar-se-ão com canções, com santas línguas, honrando a Deus com sacrificios e votos de toda a espécie”. Cf. Simon, op. cit., pág. 65.

Os cristãos, ou melhor, judeu-cristãos, fizeram modestas imitações dos oráculos de origem exclusivamente judia e, segundo a opinião de Bousset (60), apenas compuseram obra de importância secundária neste ramo; além disto, tal produção foi tendendo a desaparecer, à medida que decaía o judeu-cristianismo. Nos oráculos atribuídos aos cristãos (61) verifica-se, à primeira vista, a repetição dos temas já tratados pelos sibilinos judeus, tal como sejam, por exemplo, o da divisão da história do mundo em 10 idades (62) e o das imprecações contra Roma, cujo domínio precederia imediatamente a grande catástrofe desencadeada por Deus e em seguida à qual se instalaria o Juízo Final (63). Mas, de todos estes oráculos, o mais interessante para nós é o VIII, que se destaca mesmo como legítimo e completo exemplo da sibilística, nele representada em todos os seus aspectos: ódio contra Roma, um trecho da história dos imperadores, lenda de Nerc, escatologia, história sacra.

Interessa-nos mais, entretanto, o ódio do sibilista contra Roma, o que dá idéia de uma atmosfera de conflito, refletida nas violentas imprecações anti-romanas; bastante significativo é o fato de que Roma não mais é designada por expressões simbólicas, mas pelo seu próprio nome, como se pode observar em diversas passagens (64).

(60). — "Sibyllen", pág. 269.

(61). — Segundo Geffcken, "Handbuch zu den Neutestamentischen Apocryphen", seriam os seguintes: I, 319-400; II, 34-153; 236-347; III, 1-45; 63-96; 372; 776; V, 256-259; VI; VII; VIII; XII, 28-34; XIII, 87 ss.; 100-102.

(62). — II, 15; VII, 97; VIII, 199.

(63). — Mesmo em relação aos versos 71-93 do livro III poderemos ter um exemplo, se aceitarmos a hipótese de Geffcken de que a viúva a que se referem estes versos interpolados seja a própria Roma ("Handbuch...", pág. 343. Cf. contra, Jeanmaire, "La Sibylle" pág. 123).

(64). — VIII, 37-45: "Um dia virá a ti do alto, arrogante Roma, o merecido golpe celeste, e primeiramente tu inclinarás a nuca e serás extirpada do solo, e o fogo devorar-te-á completamente, a ti, estendida sobre o teu chão, e a epulência será destruída, e lobos e raposas habitarão o local dos teus alicerces. E então estará tu completamente só, como se nunca houvesse existido. Onde está então o Paládio? Que Deus salvar-te-á, seja ele de ouro, de prata ou de bronze? Ou onde estão então as decisões do teu Senado?"

VIII, 73-77: "E então entristecer-te-ás, depois de teres despedido as vestes de general em chefe com largas faixas de púrpura e que tenhas posto o traje de luto, tu, fanfarroníssima rainha, filha da terra latina, Roma. Não mais falarás da tua soberba, não mais levantar-te-ás tu na tua infelicidade, mas permanecerás por terra".

VIII, 93-104: "Mas primeiramente cairá sobre os romanos a ira inexorável, virá um tempo sedento de sangue e uma vida funesta. Ai de ti, terra itálica, povo sumamente bárbaro! Nunca considerastes de onde viestes, nu e desprezado para luz do Sol, por isto deves ir nu para o mesmo lugar e mais tarde deves vir para julgamento, porque tu julgaste injustamente..... Só em todo o mundo, por meio de gigantesas mãos, virás das alturas para baixo, e habitarás então sob a terra. Com nafta e asfalto e enxofre e muito fogo serás destruída e transformar-te-ás num pó queimando pela Eternidade; ...".

VIII, 126-130: "E não mais serão colocadas sob o jugo dos escravos as nuca dos sírios, dos gregos, dos bárbaros ou de qualquer outro povo. Serás completamente destruída, e de ti será novamente cobrado o que tu exigiste, e soluçando darás os tributos, até que tudo tenhas pago; e serás um triunfo para o mundo e de todos serás objeto de insultos".

Noutra passagem é mencionado o Tibre, o que resulta na mesma cousa:

Como já fizemos notar ao tratarmos de outras passagens dos oráculos, o castigo e a destruição de Roma, previstos para o ano 194, conforme se depreende do verso 148 (65), serão o sinal para o fim do mundo e para a realização do Juízo Final, anunciado por uma série de fenômenos cósmicos tão do gosto desta espécie de literatura. Outras idéias próprias aos livros sibilinos judeus encontram-se também aqui, como, por exemplo, a divisão da história do mundo em idades (66), a violenta censura à cupidez romana (67) e a profecia que já se encontra antes nos livros III, 350-355 e IV, 145-148, de que Roma restituirá à Ásia todas as riquezas que lhe tivesse roubado (68). Tal repetição parece-nos poder ser invocada para que se afirme que o livro VIII, ainda que escrito por um cristão, o foi por um cristão estreitamente ligado ao Judaísmo, por um judeu-cristão, tanto assim que há lugar para passagens como esta, referente a Adriano:

"Mas quando a ti, luxuivosa, tiverem sido dados três vezes cinco imperadores, os quais tenham subjugado o Orbe terrestre desde o levante até o poente, então haverá um soberano de cabeça branca, com o nome de um mar (Adriano!), que visitará o mundo com pés impudicos, obterá presentes para si e que, apesar de ter em abundância ouro e prata, acumulará ainda mais os dos inimigos, rouba-los-á, e depois voltará (para Roma) (69)".

Ora, ao que se saiba, Adriano não adotou em relação aos cristãos uma política que lhe valesse tais vitupérios, mas, em compensação, foi muito mal visto pelos israelitas, em virtude do que fez na própria Judéia e das medidas que tomou para com os judeus. De fato, considerando que fôra completamente extinta a grande revolta que, iniciada sob o governo de Trajano, só por êle próprio fôra encerrada (70), Adriano "acreditara que os judeus estivessem definitivamente combalidos, não mais tendo lembrança do antigo papel de Jerusalem (71)"; resolvera, então, edificar no seu local uma nova cidade, colônia de veteranos, que deveria rece-

VIII, 32-64: "E então, prevendo o teu funestíssimo destino, lamentarão em comum, pais e filhos menores. Gemendo lamentarão eles tristemente, junto aos turbilhões do Tibre".

(In Hennecke, "Neutestamentliche Apokryphen").

(65). — "Mas três vezes trezentos anos e mais quarenta e oito completará tu..." (in Hennecke, op. cit.).

(66). — VIII, 6 e ss..

(67). — VIII, 17 e ss..

(68). — VIII, 72.

(69). — VIII, 50-56. Tal passagem serve de base para que Puech opiné em favor de uma autoria completamente judia para o livro VIII, 1-216: "Je ne vois, pour ma part, aucune raison solide de considérer comme chrétiens les vers 1-216. L'auteur de cette Apocalypse désigne clairement Hadrien au vers 52; il lui prédit au moins trois successeurs au vers 65; il attend la ruine prochaine de Rome, qu'il déteste, et se réjouit en évoquant "la chute des légions porteuses d'aigles (v. 78)"; c'est sans doute un Juif, qui écrit à la fin du II. siècle". ("Histoire de la littérature Grecque Chrétienne", II, pág. 610).

(70). — Cf. Juster, "Les Luifs dan l'Empire Romain", II, pág. 185 ss.; Ricciotti, "Histoire d'Israël", II, pág. 576 ss..

(71). — Chapot, "Le monde Romain", pág. 256; Mommsen, "Das Weltreich der Caesaren", pág. 396.

ber o nome de Aelia Capitolina (72). Um santuário a Júpiter Capitolino seria também erigido no local, e passaria a receber o didrachma em lugar de Jeová. Além disto Adriano incorrera na ira judaica por uma outra medida, particularmente grave: assimilando a circuncisão à castração, determinara êle que lhe fôsem applicadas as penas cominadas na lei Cornélia de *sicariis et venificis*, que se caracterisava pela sua severidade (73). A interdição da circuncisão não tinha como objetivo atingir apenas aos judeus, uma vez que árabes e samaritanos também foram incluídos na decisão imperial; mas, para os judeus, a questão tomava aspectos muito maiores que para os outros atingidos pelo decreto, não só porque a propaganda do Judaísmo seria grandemente afetada (74), mas também em virtude do estado de exaltação febril em que se achavam os israelitas desde a catástrofe de 70 e que os levava a esperar permanentemente os sinais prenunciadores da vinda do Messias e do triunfo final sobre a potência opressora (75). Havia, assim, motivo de sobra para que os judeus, ou cristãos ainda a êles ligados, atacassem a pessoa do imperador, tão bem identificado, não só pelo verso 52, mas também pelos de números 56, 57 e 58.

Outra passagem em que se revela a ligação do autor com o elemento judeu é a dos versos 140-141 em que, apesar das lacunas dos versos 139 e 140, lê-se que, em dado momento, o povo hebreu surgirá para consumir os pagãos e castigar Roma, como está expresso nos versos 142 e ss. (76).

Como era de se esperar, o livro VIII encontrou repercussão bastante má em Roma, que não podia tolerar êste "ocultismo revolucionário", como o designa Geffcken (77), tanto assim que foi

(72). — Esta teria sido a causa da revolta, segundo Dião Cássio, 69. 12. 1. ap. Juster, op. cit., II, pág. 191, n. 2. Esta cidade foi, na realidade, edificada, e o nome de Jerusalem perdeu-se completamente no mundo oficial, a tal ponto que, no século IV, o governador da Palestina, a quem um cristão falava de Jerusalem, nem mesmo sabia o seu sítio. Cf. Juster, op. cit., II, pág. 193, n. 3.

(73). — Juster, op. cit., I, pág. 265.

(74). — Guignebert, "Le monde Juif vers le temps de Jésus", pág. 305. Segundo Esparciano, "Hadrianus", 14, êste édito teria sido a verdadeira causa do levante de Bar Kocheba. Quanto à data do decreto, achamos conveniente transcrever a nota de Juster a respeito, após citar a frase de Esparciano: "moverunt ea tempestate et Iudaei bellum, quod vetabantur mutilare genitalia". La date de cet édit variera selon qu'on admet qu'il provoqua la guerre — et c'est ce que le texte dit — ou qu'il fut une conséquence de la guerre — opinion soutenue par plusieurs savants. Pour la première opinion, entre autres, O. T. Scholz, "Das Leben des Kaisers Hadrian", p. 83, 1904 L., qui est trop précis en mettant l'an 130 comme date de l'édit. En effet, s'il est vrai que la guerre n'a pas éclaté immédiatement après l'édit, et le texte de Dion laisse entendre que les Juifs ont temporisé, il n'est guère certain qu'ils aient attendu un an" (op. cit., II, pág. 191, nota 1.).

(75). — Ricciotti, op. cit., II, pág. 574-575. Havia ainda o fato bastante significativo de que tal medida contra a circuncisão assimilava Adriano a Antíoco IV, que adotara decisão idêntica (I Mac. 1, 63 ss.; cf. I, 53 e II Mac. 6, 4-11; Jos. Ant. 12. 5. 4., ap. Juster, op. cit., I, pág. 264, nota 1.).

(76). — VIII, 140-144: "...virá, para arruinar a raça dos pagãos e inúmeros troncos, o povo hebreu. Então Ares sugará até a última gota, êle próprio destruirá a ameaça exorbitante dos romanos. Estará então liquidado o florescente domínio dos romanos assim como a velha dominadora sobre muitos vizinhos." (In Hennecke, op. cit.).

(77). — In Hennecke, op. cit., pág. 401.

estabelecida a pena de morte para a leitura de escritos desta ordem (78).

Pelo que se viu, pensamos ter ficado claro o parentesco judeu-cristão em relação a Roma, tal como se expressa no livro VIII dos oráculos. Um outro testemunho do mesmo fato, e este muito mais famoso, é constituído pela literatura apocalíptica, iniciada em Israel graças às transformações introduzidas pelo livro de Ezequiel no velho estilo profético e cujas regras foram definitivamente fixadas pelo livro de Daniel (79). Os apocalipses são do mais alto interesse para nós, em primeiro lugar, por serem considerados hoje em dia como um genuíno produto da inspiração judaica (80), e em segundo, por surgirem sempre em épocas de catástrofe nacional, com o objetivo de reconfortar os judeus, mostrando-lhes que sua infelicidade nada mais era do que o sinal evidente do reerguimento próximo (81); e como não foram poucas as véses em que os judeus tiveram que enfrentar a adversidade, este fato teria tido como resultado a aquisição, por parte dos israelitas, de uma verdadeira "mentalidade apocalíptica (82)".

O mais antigo apocalipse, depois do de Daniel, foi o de Enoch, cujas partes foram compostas em épocas diferentes, por autores diferentes, de tal modo que seus elementos mais antigos remontam mesmo ao período pré-macabeano e os mais recentes aos anos 95-64 a. C. (83). Não nos deteremos sobre tal livro por não haver nele grande interesse para o nosso assunto (84), bastando que se diga que são aí repetidas várias das idéias que já encontramos antes: impérios simbolizados por animais, os sofrimentos de Israel sob um jugo injusto, a desforra e a vitória dos judeus sobre os seus inimigos que perecem exterminados, o juízo divino seguido pela punição dos maus, destruição da terra e criação de um novo mundo, teatro da felicidade completa (85). Noutras palavras, como já tivemos oportunidade de dizer acima: a idade do Ouro, mas do ponto de vista de Israel, isto é, no futuro, depois da desforra dos judeus sobre os opressores, todos eles de antemão condenados (86).

Como é evidente, os cristãos receberam dos judeus a literatura apocalíptica, e já os trechos escatológicos que se encontram

(78). — Justino, Apol. I, 44, apud Geffcken, op loc. cit..

(79). — Renan, "O Anti-Christo", pág. 246.

(80). — Charles, "Religious development between the old and the new Testaments", pág. 18; Mac Neile, "An Introduction to the study of the New Testament", pág. 235.

(81). — Guignebert, "Le monde Juif vers le temps de Jésus", pág. 32.

(82). — Guignebert, op. loc. cit.; Renan, op. cit., pág. 247.

(83). — Charles, op. cit., pág. 224. Para Charles ("Pseudoepigrapha", págs. 170-171, ap. Egan, "Cambridge Ancient History", VIII, pág. 512), certas partes deste livro seriam mais antigas do que o de Daniel.

(84). — "Die Bilderreden des I. Henoch, ... richteten sich noch nicht gegen die Weltherrschaft Roms als solche, sondern gegen die den Erdball in Verwirrung setzenden römischen Gewaltthaber" (Bousset, "Die Religion", pág. 218).

(85). — Cf. Delaunay, "Moines et Sibylles", págs. 220 ss..

(86). — XXXVIII, 5; XLVIII, 9. Cf. Lagrange, "Le Judaïsme", pág. 89; Bousset, "Die Religion", pág. 243 e 207.

no Evangelho de Marcos e na segunda epístola aos tessalônicos re-
pousariam em antecedentes judaicos (87); ora, o Cristianismo teve
que suportar também a hostilidade romana, e nada de admirar que
acontecisse então com a apocalíptica o mesmo que sucedeu com a
sibilística: ligados inicialmente aos judeus, sofrendo perseguições
da mesma potência que continuamente humilhava Israel, os cris-
tãos tiveram tôdas as condições favoráveis para o lançamento de
um famoso apocalipse, que foi atribuído a São João; nessa obra,
“tôda a soma do fanatismo apaixonado acumulado pelo Judaísmo
durante os períodos de opressão e que durante as últimas décadas
anteriores à destruição de Jerusalem fôra levado ao máximo da
exaltação, liga-se, por intermédio do autor judeu-cristão, às im-
pressões do presente (88)”, originando um ardente manifesto anti-
romano, em que “retorna à cena todo o material tradicional, visões
de profetas israelitas, rudimentos míticos e fragmentos de história
antiga, tudo refundido à maneira cristã (89)”. O resultado disto foi
o aparecimento, na literatura grega cristã, de uma obra complicada,
enigmática (90), que desde os primeiros séculos de nossa era já
merecia as designações de *ininteligível* e de *incoerente* (91).

Pondo de parte as inúmeras discussões e dúvidas que até ho-
je têm sido suscitadas pelo Apocalipse do Novo Testamento, vemos
que nele apenas interessa ao nosso assunto uma questão: a refe-
rente às profecias e invectivas anti-romanas oriundas de uma men-
talidade judeu-cristã, na qual prepondera o elemento judeu. Para
que possamos examiná-la deveremos tratar do Apocalipse sob três
aspectos: o primeiro, concernente à existência de um sentimento
anti-romano, o segundo, referente à época da composição do livro
e o último, atinente à sua autoria.

1 — O estudo das profecias do Apocalipse deu lugar a uma
série de comentários e interpretações diversas, mas tôdas elas po-
dem ser agrupadas em 3 classes: a primeira abrange os intérpretes
para os quais o livro em questão contém predições relativas a tôda
a história da Igreja; na segunda estão os autores que são de opinião
que o profeta tratou apenas dos primeiros tempos do Cristianismo;
a terceira reúne aqueles que restringem o âmbito das visões ape-
nas aos últimos tempos da Igreja (92). A maior parte dos her-
meneutas, entretanto, está incluída na segunda classe, procurando

(87). — Wendland, “H. R. K.”, pág. 381.

(88). — Idem, pág. 252.

(89). — Idem, pág. 352.

(90). — Cf. McNeile, “An Introduction to the study of the New Testament”,
pág. 239: “The book has at all times proved an enigma, and many writers
finding themselves unable to arrive at any satisfactory interpretation, have con-
tented themselves with studying its language philologically”.

(91). — É o caso de Dionísio de Alexandria, que viveu no século III, Cf.
Eusébio, “Historia Ecclesiastica”, 7, 25, 1, ap. Guignebert, “Le Christ”, pág. 31.

(92). — Carliuy, art. “Apocalypse” in “Dictionnaire de la Bible” publicado
sob a direção de Vigouroux.

É certo que há sistemas que escapam a esta classificação, assim como o de
van den Bergh van Eysinga, ap. Roger, op. cit., III, pág. 14, que é o único
entre os autores consultados que o menciona.

sempre a interpretação das principais passagens nos acontecimentos da época (93). Os iniciadores desta corrente foram Salmeron, Alcazar e Foreiro, e entre os seus mais famosos adeptos encontra-se Bossuet, com sua obra "L'Apocalypse avec une explication". Conforme nota Carluu, tal classe de intérpretes "nada sabe nos dizer de preciso quanto aos cráculos dos últimos capítulos do Apocalipse, mas parece que não se pode negar que explicam de maneira muito plausível a maior parte das predições que, segundo elles, dizem respeito aos quatro primeiros séculos da história da Igreja. E' verdade que há discrepâncias relativas à explicação de certos detalhes das visões; mas há acôrdo quanto à substância, e divergência quanto aos detalhes (94)".

Assim sendo, e procurando-se o ponto essencial em que tais exegetas são unânimes, encontrá-los-emos no ódio ao culto imperial e ao próprio Império Romano, ódio este pintado em côres particularmente ardentes e expressivas. A cidade de Roma, mencionada freqüentemente sob o nome de Babilônia, como se vê também na saudação final da primeira epístola de S. Pedro (95), é objeto das mais violentas invectivas, sendo prêditos o seu castigo e a sua queda em termos bastante eloqüentes, como se poderá verificar:

XIV, 8: "E outro anjo seguiu dizendo: É caída, é caída Babilônia, aquela grande cidade, porque a tôdas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicação."

XVI, 19: "... e a grande Babilônia veio em memória diante de Deus, para Elle lhe dar o cálix do vinho da indignação da sua ira."

Os capítulos XVII e XVIII são integralmente destinados a Babilônia (Roma) e à sua queda; a cidade surge também sob a forma de uma mulher, em cuja testa se acha a inscrição "Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostitutas e das abominações da terra", montada sobre uma besta de sete cabeças, cabeças estas que logo adiante são explicadas como tendo um duplo sentido: significam tanto sete montes como sete reis (96). Ainda no capítulo 17

(93). — Roger, "Les Religions révéées", III, pág. 14.

(94). — Loc. cit.

(95). — Pannier, art. "Babylone" in "Dictionnaire de la Bible" de Vigoureux. Tal interpretação do nome "Babilônia" nesta epístola foi aceita desde a antiguidade, por Eusébio ("H. E.", II, 15, 2) e por S. Jerônimo ("De viris"). S) Cf. Goguel, "La naissance du Christianisme" págs. 178 e ss. em que são expostos os outros sistemas interpretativos; McNeile, op. cit., pág. 212; Graf, "Roma nella memoria e nelle immaginazioni del Medio Evo", II, pág. 408; Lanciani, "Pagan and Christian Rome", pág. 124; Moffatt, "Introduction to the literature of the New Testament", pág. 327-328; Renan, "O Anti-Cristo, pág. 23.

(96). — "Die Häupter sind nach v. 10, 7 Könige. Fünf sind gefallen, d. h. (mit Übergehung des Interregnum), Vespasian. Der letzte ist noch nicht gekommen, und wenn er kommt, ist es ihm bestimmt nur eine kurze Weile zu bleiben; gemeint ist Titus". (Wendland, "H. R. K.", pág. 38), cf. Moffatt, op. cit., pág. 506. Isto naturalmente, depende do ponto de vista que se adote em relação à época de composição do Apocalipse; veja-se, por exemplo, outra contagem dos reis no "Anti-Cristo", de Roman, pág. 223.

o próprio autor nos diz que a mulher “é a grande cidade que reina sobre os reis da terra” (97), para em seguida rejubilar-se em virtude de sua destruição:

XVIII, 2 — “É caída, é caída a grande Babilônia, e é feita morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível.

3 — Porque tôdas as nações beberam do vinho da ira da sua fornicação, e os reis da terra fornicaram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram da abundância de suas delicias.

7 — Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, tanto lhe dai de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou asentada como rainha, e não sou viúva, e não verei pranto.

8 — Portanto num dia virão as suas pragas; a morte, o pranto e a fome; e será queimada com fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga.

9 — E os reis da terra, que fornicaram com ela, e viveram em delicias, chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio;

10 — Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois numa hora veio o seu juízo.

20 — Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela.

21 — E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a ao mar dizendo: Com igual impeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será mais achada.”

Trata-se, segundo Moffatt, de uma verdadeira estância de triunfo sobre a queda de opressor, em que se descrevem os lamentos de reis e de mercadores, como o bem conhecido canto de Ezequiel sobre a queda de Tiro. “As linhas finais retratam vivamente a repentina, violenta e irrevogável condenação da grandeza que fôra Roma (98)”, símbolo do mundo, nova manifestação de Babilônia, corporificação da luxúria e do pecado, que tão nefasta fôra à cidade de Jerusalem e cujo nome, como expressão máxima da blasfêmia, achava-se inscrito na testa da mulher transportada pela besta (99).

E compreende-se bem que houvesse júbilo pela queda de Roma, uma vez que o Império Romano nada mais era do que o instrumento de Satã, do qual recebera o seu poder para blasfemar

(97). — XVII, 18. Cf. Wendland, op. loc. cit.

(98). — Op. cit., pág. 486, nota 1; pág. 488; McNeile, op. cit., pág. 245.

(99). — Cf. Bousset, “Die Religion”, pág. 255; Rebm, “Der Untergang Roms”, pág. 21; Lebreton, “L’Église Primitive”, pág. 247; Renan, op. cit., pág. 276 ss.; Harnack, “Missionne e propagazione del Cristianesimo nei primi tre secoli”, pág. 196; Sanford, “Contrasting views”, pág. 443; Moffatt, op. cit., pág. 488; Fisher, “The beginnings of Christianity”, págs. 63, 534-535; Puech, “Histoire de la littérature Grecque Chrétienne”, I, pág. 437, n. 1, que diz de maneira bastante clara; “Il est manifeste que la courtisane est Rome”.

contra Deus e para fazer guerra aos santos, tendo o Anti-Cristo como seu aliado (100).

Acreditamos que o que foi visto revela à saciedade a manifestação do ódio a Roma por intermédio do Apocalipse. Ora, tal ódio só pode encontrar a sua explicação nas relações entre Roma e o mundo judeu-cristão na época em que foi composto o referido livro; e chegamos, assim, ao exame da segunda questão que nos propuzemos a respeito daquele livro sagrado.

2 — Desde os primeiros tempos do Cristianismo já havia divergências a respeito da data à qual deveria ser atribuída a composição do Apocalipse, e ainda hoje tal questão dá margem a opiniões diversas, mas dentro de certos limites extremos; de fato, tais hipóteses variam entre o período de crise que se seguiu imediatamente ao governo de Nero (101) e a época de Adriano (102). Aliás, parece haver modernamente acentuada preferência pela época de Domiciano, sendo concordes neste ponto vários especialistas na matéria, como Lebreton, Harnack, Wendland, Carlu, Moffatt e McNeile (103); o último, depois de apontar os mais importantes autores antigos que eram favoráveis a este ponto de vista (Iren, v. XXX, s; Eus. "H. E.; III, 18; IV, 8, Victorinus, "In Apoc." X, II; XVII, 10), afirma categoricamente que "o livro, na sua forma completa, deve ser datado do reinado de Domiciano." O que há de interessante para nós nesta fixação da data é o que diz respeito à posição dos judeus e cristãos em face do Império nesta época. No lado judeu, temos sempre a luta, a resistência à romanização, como característica distintiva e assumindo o seu aspecto mais grave com a questão religiosa. Como já vimos anteriormente, vinha de longe a hostilidade dos judeus a Roma, desde que os romanos apresentaram-se no mundo mediterrâneo como sucessores do domi-

(100). — Apoc., XIII, 4. Cf. Wendland, "H. R. K.", pág. 252; Moffatt, op. cit., pág. 487, Schmidt, "Le problème du Christianisme primitif", pág. 95.

(101). — Cf. p. ex., Renan, op. cit., pág. 245, que fixa mesmo o mês de janeiro de 69 para a aparição do livro; Roger, op. cit., III, pág. 14; Puech, "Histoire de la littérature Grecque Chrétienne", I, pág. 462 e ss.: "...peu de temps après la crise épouvantable de l'an 69, où l'empire Romain parut si près de se dissoudre" pág. 466.

(102). — Cf. Turmel, "L'Apocalypse", capítulos IV e V.

(103). — Lebreton, "L'Eglise Primitive", pág. 247; Harnack, "Missionne e Propagazione", pág. 196; Wendland, "H. R. K.", pág. 382-383; Carlu, art. cit.; Mommsen, "Das Weltreich der Caesaren", pág. 374; Goguel, "La naissance du Christianisme", págs. 571, n. 1 e 382; McNeile, op. cit., pág. 249; Moffatt, op. cit., pág. 503 e ss., em que dá as razões contra as outras datas propostas: "The Neronian date (i.e. prior to the fall of Jerusalem and after Nero's massacre of the Roman Christians) appeals especially to those who feel the dramatic situation of passages like XI, 1 ss., and who decline to admit the use of any sources. It is handicapped, however, by (a) the phase of the Nero-redivivus myth which the apocalypses represents, and above all by (b) the fact that no worship of the emperor, which is adequate to the data of the apocalypse, was enforced until Domitian's reign. The hypothesis of a date during Vespasian's reign (so, e.g., B. Weiss, Dueterdieck, Bartlet: AA., 388 f., C.A. Scott) evades (a) but not (b). Vespasian did not take his official divinity very seriously. There is no record of any persecution during his reign; ... The Domitianic date thus offers a fair explanation of the apocalypse's references to the worship of the beast, in the light of contemporary history during the latter part of the first century. It is also in line with the earliest tradition, and corroborated by the internal evidence of the document itself".

nio helenístico, e certos fatos, como por exemplo a expedição de Pompeu e a profanação de templo por Crasso no ano 54 a. C. (104), haviam contribuído para agravar êste estado de cousas. Na época de César os fanáticos judeus resistiram, nas montanhas da Galiléia, ao regime imposto ao seu país, e as medidas de repressão a que Varus foi obrigado após a morte de Herodes mostravam bem qual era o sentimento judeu em relação a Roma (105). Esta, por sua vez, correspondia de maneira semelhante a tal modo de sentir (106), e já com Tibério verificaram-se manifestações anti-semiticas por parte das autoridades imperiais, particularmente do prefeito do Pretório Sejano e de seu protegido Pilatos, êste último conhecido pelas ofensas que fêz aos Israelitas (107). O mesmo Tibério, entretanto, certamente conhecedor do fanatismo judeu, evitou qualquer conflito de ordem religiosa na Palestina e, durante todo o seu govêrno, respeitou as práticas tradicionais da religião e do culto de Israel. De qualquer modo, porém, era impossível — conforme nota Lagrange (108) — que os judeus entressem no movimento de simpatia crescente, de relações mútuas agradáveis e de reconhecimento pela ordem e pela paz que agrupava os outros conquistados no amor a Roma por meio de um sentimento de solidariedade; e a atitude de Calígula, que odiava os judeus (109) e que resolveu, não só persegui-los, mas também impor-lhes o culto de sua própria pessoa divinizada, tornou mais violento um antagonismo que sempre existira (110). Essa questão não se tornou ainda mais grave em virtude do assassinio do imperador, quando êste estava providenciando a erecção de sua estátua no próprio templo de Jerusalem, ameaça esta que teria repercutido entre os judeus de maneira mais intensa do que a perseguição desencadeada em Alexandria no ano 38 (111).

(104). — Cf. Winckler, "Die Juden und Rom", págs. 105 e 112 e ss.

(105). — Cf. Graetz, op. cit., II, págs. 77, 115, 123-125.

(106). — "Quand on parcourt les textes, où les auteurs grecs et romains parlent des Juifs, on est frappé de rencontrer chez la plupart un accent hostile ou défiant: antipathie où domine le mépris, ou tout au moins réserve inquisite devant un peuple qu'on sent trop différent de soi-même..." (Bonsirven, "Le Judaïsme Palestinien au temps de Jésus-Christ", I, pag. 3). Cf. Juster, op. cit., I, pag. 45 e ss.; Guignebert, "La vie religieuse dans l'empire romain de Néron à Commode", págs. 14-15.

(107). — Tácito, "Anais", II, 85. Suetônio, "Tibério", 36; Josefo, "Ant.", XVIII, 3, 5. Cf. Graetz, "A History of the Jews", II, pag. 136 e ss.; Mommsen, "Das Weltreich der Caesaren", pag. 368; A. D. Nock e M. P. Charlesworth, in "Cambridge Ancient History", X, págs. 495 e 615; Juster, op. cit., I, pag. 224, n. 3; Finegan, "Light from the Ancient Past.", pag. 218; Ricciotti, op. cit., II, pag. 431 e ss.

(108). — "Le Judaïsme avant Jsus-Christ", pag. 224.

(109). — Filo, leg. 20, ap. Mommsen, op. cit., pag. 370, n. 1; Graetz, op. cit., II, pag. 189.

(110). — Calígula teria então sido comparado a Antíoco Epifânio, que permanecia sempre, para os judeus, o verdadeiro modelo da abominação ("Urbild der Gräuel", segundo Mommsen, op. cit., pag. 373), e êste fato, agindo numa época em que as crenças messiânicas atingiam a um elevado grau de exaltação (Cf. Bousset, "Die Religion", pag. 204), teria condicionado o aparecimento de um apocalipse, do qual encontrar-se iam elementos no próprio Apocalipse atribuído a S. João (Eugène de Faye, "Les Apocalypses Juives", pp. 171 e ss. ap. Moffatt, "An Introduction to the Literature of the New Testament", pag. 489.

(111). — Mommsen, op. cit., pag. 372.

A partir daí o ódio dos judeus para com os romanos não cessou de progredir, apesar de algumas medidas de tolerância adotadas pelo Império, para explodir, por fim, na grande revolta de 66. A violência do levante anti-romano foi tão grande que levou Mommsen a afirmar que tal movimento inaugurou “uma nova era na história dos ódios nacionais”, uma vez que “a ambas as partes parecia impossível a vida em comum, movendo-se judeus e romanos animados pela idéia do extermínio do adversário”. Flávio Josefo deixou-nos bem vivo o relato desta luta feroz, que só terminou pela quase destruição dos vencidos e pela decisão romana de suprimir o grande laço de coesão entre os judeus de todo o território imperial, ou seja, o seu centro religioso, juntamente com duas maiores autoridades: o grão-sacerdote e o Sanhedrin de Jerusalem. Os atentados à religião tiveram ainda, como complemento, uma medida que lembraria permanentemente ao judeu o seu ódio a Roma: a transferência para Júpiter Capitolino e para seu representante na terra, que era o Imperador, da contribuição que até aí pagavam os judeus ao templo de Jerusalem. E’ evidente, assim, que a atmosfera que envolvia as relações entre judeus e romanos na época em que a maioria dos autores coloca a composição do Apocalipse, isto é, no reinado de Domiciano, deveria ser bastante tensa, tanto mais quanto este imperador, membro da família dos Flávios — que tão funesta fôra ao Judaísmo, — mostrou-se grandemente rigoroso na cobrança do didracma (112) e foi particularmente exigente na questão da observância do culto imperial, a tal ponto que considerou como o maior dos crimes a recusa deste culto por parte daqueles que, por motivo de ordem religiosa substancial, não podiam reconhecer-lo: os judeus e os cristãos (113). E nunca podemos nos esquecer de que o culto ao imperador era associado ao da Dea Roma, e que, portanto, o ódio votado às pretensões divinas imperiais envolvia também a própria cidade de Roma; tão importante era esta questão para os judeus e cristãos que não só justificaria os anátemas do Apocalipse, mas teria constituído mesmo a razão pela qual o referido livro teria sido composto, segundo o ponto de vista de Moffatt (114).

(112). — Suetônio, “Domiciano”, XII.

(113). — Gsell, “Essai sur le règne de l’empereur Domitien”, pág. 312, apud Lebreton, *op. cit.*, pág. 247, n. 3; Goguel, “La naissance du Christianisme”, pág. 375.

(114). — *Op. cit.*, págs. 508-509: “Over two centuries earlier the great exemplar of apocalyptic literature had been published in order to nerve the faithful who were persecuted for refusing to admit the presumptuous divine claims of Antiochus Epiphanes. John’s apocalypse is a latter-day pamphlet thrown up by a similar crisis. The prophet believed that the old conflict had revived in its final form: Daniel predictions were on the way to be fulfilled when a Roman emperor blasphemously claimed the title of “dominus et deus”, and insisted on the rites of the Caesar-cultus as a test of loyalty. This popular deification of the emperor, with the corresponding recognition of “dea Roma”, were particularly rampant in Asia Minor, and the apocalypse is a vigorous summons to the church to repudiate the cultus at all costs. Hence the emphasis upon the virtues of martyrdom and upon the speedy downfall of the Roman Empire”.

No que diz respeito ao elemento cristão, observa-se que suas relações com o Império não eram cordiais, nesta época. Em primeiro lugar, salta aos olhos que o Cristianismo, surgido como se fosse uma seita judaica, e apoiando-se na rede de sinagogas para a realização de sua primeira fase expansionista, deveria também sofrer com o antisemitismo greco-romano, tanto mais quanto parece ter demorado algum tempo para que se fizesse bem clara, aos olhos dos pagãos, a diferença entre judeus e cristãos (115). Em segundo, havia a perseguição neroniana e, além disto, a ameaça constante que pesava sobre os adeptos do Cristianismo, em virtude da existência da corrente tradicionalista romana que, renovada pelos esforços restauradores de Augusto e de seu círculo, devia ser permanentemente contra a infiltração de novas religiões no mundo romano e, portanto, contra o Cristianismo (116). Tratando do assunto, assim se expressa Lebreton: "A Igreja deve suportar não mais somente a hostilidade do mundo pagão, mas uma perseguição sangrenta: é por toda a parte a luta entre o Cristo e o Anti-Cristo, os santos e a besta... Esta "grande tribulação" (VII, 14-17), é a perseguição, desencadeada por Nero com ferocidade bárbara e retomada por Domiciano com ódio tenaz (117)". Acontece, entretanto, que — para o nosso caso — convém fazer uma distinção entre Nero e Domiciano: o primeiro parece não ter sido hostil aos judeus, por ter sofrido a influência dos elementos introduzidos por Popéia no círculo imperial e que eram favoráveis ao Judaísmo (118). Tais elementos teriam mesmo tido papel na decisão do imperador de perseguir os cristãos, considerados na época como integrantes de uma seita judaica (119). Já o segundo foi contrário a judeus e a cristãos (120), e a composição do Apocalipse de que tratamos durante o seu reinado dá boa margem à afirmativa da qualidade judeu-cristã de seu autor. Sem visar propriamente à perseguição neroniana, conforme afirma Mommsen (121), refutando a hipótese de Renan no seu "Anti-Cristo", o Apocalipse tem como objetivo atacar a autoridade imperial que combatia, ao mesmo tempo, os partidários das duas cren-

(115). — Que existia a confusão na época de Cláudio, parece evidente a muitos autores que partem, para isto, da interpretação do famoso texto de Suetônio, "Cláudio", 25 (Cf. Lebreton, op. cit., pág. 234; Mommsen, op. cit., pág. 376, n. 1; Lanciani, "Pagan and Christian Rome", pág. 310; Homo, "Les empereurs romains et le Christianisme", pág. 49); há margem para supor-se que o fato permanecia ainda na época de Domiciano (Cf. Lanciani, op. cit., pág. 6), e não falta quem afirme que durante o reinado de Trajano poderiam os romanos ver no Cristianismo apenas o desenvolvimento normal do Judaísmo (Vessereau, "Rutilius Namatianus", pag. 300), ou que permanecia a confusão ainda sob Adriano (Cf. Gractz, II, pág. 431).

(116). — Cf. Boissier, "La Fin du Paganisme", I, pág. 358.

(117). — Op. cit., págs. 246-247.

(118). — Cf. Josefo, "Ant.", XVIII-IX; Tácito, "Anais", XIV, 16; "Histórias", I, 22. Cf. Lebreton, op. cit., pág. 290; Guignebert, "Le Monde Juif", pág. 23; Homo, "Les empereurs romains et le Christianisme", pág. w; Wendland, "H.R.K.", pág. 249; Goguel, op. cit., pág. 548.

(119). — Lanciani, op. cit., pág. 312; Lebreton, op. cit., pág. 292; Fisher, "The beginnings of Christianity", pág. 529.

(120). — Lebreton, op. cit., pág. 292 e 301.

(121). — Op. cit., pág. 375, n. 1.

cas. E assim se explica que, por intermédio do Apocalipse atribuído a S. João, os cristãos, que eram ainda em tão pequeno número, se “opuzessem ao imenso Império Romano e fizessem consistir na perseguição religiosa a principal ação d’este império e vissem nesta luta o término final de t’oda a história humana”; é que se refletia aí o fato da Igreja colocar-se a si mesma no lugar de Israel, adquirindo assim “consciência do fator político, destinado a exercer uma ação decisiva sobre o futuro do Estado mundial e, por fim, a vencê-lo (122)”. Nestas condições, o livro em questão estaria perfeitamente situado na linha de seus antecessores, expressando o ódio nacional e religioso dos judeus contra os romanos, de tal modo que, na interessante frase de Wendland, “Pompeu, Calígula, Nero, fornecem o modelo para o Anti-Cristo, Antíoco Epifânio redivivo (123)”.

3 — Vista então a questão da data, podemos passar a ver o problema referente à autoria do Apocalipse. Desde meados do século II desenvolveu-se a tradição segundo a qual o autor teria sido o apóstolo João, que escrevera também o quarto Evangelho e a 1.ª epístola que, sob o seu nome, foi acolhida no Novo Testamento (124). O primeiro a levantar dúvidas a este respeito foi Dionísio de Alexandria, que não aceitou a atribuição do Apocalipse ao apóstolo João que escreveu o Quarto Evangelho e a “Epístola Católica” (isto é, I João) por 3 razões: (1) — o emprêgo feito pelo autor do seu próprio nome, o que é evitado pelo evangelista; (2) — a diferença de idéias e pensamentos, e a ausência de alguns d’êles que são marcadamente característicos do Evangelho; (3) — as excêntridades lingüísticas, barbarismos, solecismos, provincianismos, os quais faltam inteiramente no polido e fluente grego do Evangelho e da Epístola (125).”

A crítica moderna desenvolveu as objeções de Dionísio, de modo a permitir que grande número de intérpretes afastasse completamente a hipótese da autoria apostólica (126). Mcdername, al-

(122). — Harnack, op. cit., págs. 196-197.

(123). — Op. cit., pág. 381.

(124). — Cf. McNeile, op. cit., pág. 250: “The tradition of the apostolic authorship is met with from the middle of the second century. Justin speaks of the author as “one of the apostles of Christ” (Dial. 81; cf. Eus. H. E. IV. 18). Tert. (c. Marc. III. 14) “The apostle John in the Apocalypse describes a sword proceeding from the mouth of God”. Hippol. (Lagarde, p. 17) “Tell me, O blessed John, apostle and disciple of the Lord, what didst thou see and hear concerning Babylon?” Orig. (in loan. tom. I, 14) “John the son of Zebedee says in the Apocalypse”. Victorinus (De fabric. mundi) “The angels ... who are called elders in the Apocalypse of John the apostle and evangelist”. To these must be added Irenaeus, who three times assigns the book to “John the disciple of the Lord” (IV. XX. 11, XXX. 4; V. XXVI. 1). This does not call him an apostle, but throughout his pages he appears to know (apart from John the Baptist) of no other John than the son of Zebedee”.

(125). — McNeile, op. cit., pág. 251.

(126). — Goguel, op. cit., pág. 377 n. 1: “L’Apocalypse n’est pas sans présenter certaines affinités de langue et de pensée avec l’Évangile. Elles doivent, sans doute, s’expliquer par le fait que toute la littérature johannique a la même origine géographique. L’orientation de la pensée de l’Apocalypse est cependant fort différente de celle de l’Évangile et c’est, semble-t-il, la tradition que c’est constituée après coup pour attribuer à des livres qui jouissaient, d’une autorité de fait une autorité de droit, qui a établi un lien entre l’Évangile et les épîtres d’une part. L’Apocalypse de l’autre, en leur donnant l’apôtre Jean pour auteur

guns vêm no Apocalipse obra de um só autor (127), outros consideram-no como produto do trabalho de mais de uma pessoa (128), mas parece que — apesar das divergências — há unanimidade em dois pontos, que são de grande importância para nós: a) — o livro foi composto por um palestinião, portanto, em estreito contato com o Judaísmo (129); b) — a simples leitura do Apocalipse revela a existência de enorme quantidade de elementos judaicos, o que permitiu até mesmo o lançamento da hipótese segundo a qual tratava-se de um apocalipse judeu em versão cristã (130).

Teremos assim, sempre, na origem da obra em questão, “um autor que vive na atmosfera de imaginação do Antigo Testamento, particularmente dos profetas e da apocalíptica judaica (131)”, que odeia Roma e que considera a punição da cidade como condição indispensável para que se instale o Reino do Messias (132).

O Apocalipse pode ser considerado como o último grande testemunho da atitude comum de judeus e de cristãos contra Roma, documento surgido num período em que os dois elementos, “vítimas da força, haviam confiado a Deus a missão de vingá-los, esperando com confiança inabalável o dia anunciado por seus profetas, em que seus inimigos deviam ser exterminados”; tais palavras, do tão con-

comum”. Cf. McNeile, op. cit., pág. 251-252; Puech, op. cit., I, pág. 465; Moffatt, op. cit., pág. 509 ss.; Charles, “A Critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John”, ap. Gry, in *Révue Biblique*, Tomo XXXI, 1922, pág. 292-302. Outros, entretanto, defendem o ponto de vista favorável ao apóstolo João; cf. por exemplo, Bardy, “L’Église à la fin du premier siècle”, pág. 14; Allo, “Apocalypse”, cap. 13 da introdução, págs. CLXXXVIII-CCXXXII, ap. Lebreton, “L’Église primitive”, pág. 246, n. 1; e o próprio Lebreton, que assim se expressa: “... l’Apocalypse, l’Évangile, les épîtres johanniques... En ce prophète, en cet évangéliste nous reconnaissons l’apôtre Jean, et le témoignage des livres eux-mêmes est éclairé et soutenu para une tradition très ancienne et bien garantie”.

(127). — Naturalmente, todos os que aceitam a autoria do apóstolo; entre os que não a aceitam, podemos citar, por exemplo, McNeile, op. cit., pág. 253 e Moffatt, op. cit., pág. 513, favorável à autoria de João-o-Presbítero.

(128). — Cf., por exemplo, Charles, ap. Gry, op. cit., para o qual o autor do Apocalipse não pôde terminá-lo, encarregando-se desta tarefa um de seus discípulos, ao qual caberia, aliás, grande responsabilidade pelos problemas que o livro oferece à interpretação, como se vê: “... profundamente estúpido e ignorante, fanático estreito e celibatário, nem sempre leal na sua missão de editor, herético consumado, ainda que se considerando a sua estupidez, era provavelmente inconsciente” (pág. XVIII). Tal discípulo é que teria modificado ou interpolado vários versos, deslocado sentenças, enfim, teria feito, de um “livro claro e coerente, a obra obscura que tem perturbado os críticos”.

(129). — McNeile, op. cit., pág. 253; Charles, ap. Gry, op. cit.; Harnack, “Missionne e propaggazione”, pág. 560; Puech, op. cit., I, pág. 465; Moffatt, op. cit., pág. 513.

(130). — Trata-se da hipótese apoiada por Vischer (“Die Offenbarung Johannes eine jüdische Apk. in christlicher Bearbeitung”) e outros intérpretes; Cf. Moffatt, op. cit., pág. 490; Puech, op. cit., I, pág. 444-445, 447 ss. em que trata da participação dos elementos judaicos no Apocalipse atribuído a João, “soma da literatura apocalíptica”. Cf. ainda Charles, ap. Gry, op. cit.; Gry, “Les chapitres XI e XII de l’Apocalypse”, in “*Révue Biblique*”, tomo XXXI, 1922, págs. 203-214; Moffatt, op. cit., pág. 488 e ss. em que há um elucidativo sumário da crítica das fontes do Apocalipse. Há também quem dê ao referido livro um caráter acentuadamente judaico; cf. Turmel, “L’Apocalypse”, págs. 15 e ss., para o qual tratava-se de obra dos judeus, motivada pela revolta verificada na época de Adriano.

(131). — Bousset, “Die Religion des Judentums in neutestamentlichen Zeitalter”, pág. 139, ap. Wendland, “H.R.K.”, pág. 383.

(132). — “Livro da presença da grande prostituta (Roma) a terra está pronta para o hineneu celeste, para o reino do Messias” (Renan, “O Anti-Cristo”, pág. 300. Cf. Apoc., cap. XIX).

ceituado Boissier (133), encontram seu maior apóio num versículo do Apocalipse, no qual se manifesta de maneira bem clara a esperança, que já encontramos em obras congêneres, de castigo divino sôbre a potência opressora:

“Até quando, ó Dominador e santo, verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sôbre a terra?” (134).

A partir da época da composição do Apocalipse, como se sabe, foram se desenvolvendo cada vez mais as conseqüências de dois grandes fatos: primeiramente, a própria destruição do templo (135) e a atitude dos cristãos durante a guerra judaica, afastando-se dos judeus e atraindo a si a ira da literatura rabínica e das sinagogas (136); e em segundo lugar, como veremos, os efeitos da predicação de S. Paulo, desligando completamente o Cristianismo do Judaísmo e dando-lhe muito maior amplitude. Isto não quer dizer que, desligados do Judaísmo, os cristãos tenham abandonado imediatamente os seus ataques a Roma; mas julgamos não ser por mera coincidência que as produções deste tipo tenham sido sempre inspiradas por fontes judaicas, como já vimos aliás, com os Sibilinos judeu-cristãos e como se verifica também com a obra do primeiro poeta latino-cristão conhecido, ou seja, Comodiano.

Assim como o sibilista parte dos oráculos judeus, o poeta inspira-se na literatura apocalíptica, no seu mais amplo sentido (137), tratando, no “Carmen Apologeticum”, dos mesmos assuntos a que já nos temos referido, como, por exemplo, o julgamento universal e o fim do mundo. Há ainda muito de obscuro a respeito de Comodiano (138), mas não deixa de ser interessante que, antes de se ter a África como sua pátria mais provável, admitia-se ser êle originário de Gaza, na Palestina e, portanto, da própria região central do Judaísmo (139). Parece-nos que não será absurdo esta-

(133). — “La Fin du Paganisme”, II, pág. 24.

(134). — Apocalipse, VI, 10.

(135). — Os dois fatos, aliás, ligam-se perfeitamente. Cf. Mommsen, op. cit., pág. 391.

(136). — Lebreton, op. cit., pág. 243.

(137). — Lebreton, “De la Fin du 2.^e siècle à la Paix Constantinienne”, pág. 381; Labriolle, “Histoire de la littérature latine chrétienne”, pág. 243.

(138). — A comeagm pela época em que viveu: Ebert, Boissier e Labriolle situam-no na 2.^a metade do século III; Harnack, entre 260 e 350; Kraus, no início do século IV; Mass na 2.^a metade do século IV; Brewer e Dräseke, no século V (Ap. Labriolle, op. cit., pag. 246 ss.); optando também pelo século V encontra-se, recentemente, P. de Courcelle, (“Histoire littéraire des grandes invasions germaniques”, págs. 127-130).

(139). — Tal presunção baseava-se em que a última peça das “Instructions” intitula-se “O nome do homem de Gaza”, formando, no acróstico, a frase “Commodianus mendicis Christi” (Boissier, “La Fin du Paganisme”, II, pág. 28). Para Eardnower encontrar-se-ia aí um verdadeiro enigma: “Der Name ‘Gaseus’ aber enthält ein schwer zu lösendes Rätsel. Man pflegt Gaseus einem Gazaenus gleichzusetzen und Gazaenus entweder auf die Heimat des Dichters zu deuten oder als eine Übersetzung bzw. Nachbildung des Namens Kommodianus aufzufassen (commodum = Glück, γὰρζα = Schatz) oder endlich direkt von γὰρζα = Schatz herzuleiten. Auf diesem letzteren Wege ist man zu der Übersetzung ‘Besitzer eines grossen Schatzes’ (des Schatzes der Wahrheit nämlich, welchen der Dichter im Christentum gefunden habe), andererseits seltsamerweise aber auch

belecermos a relação entre a grande influência judia sofrida pelo autor e a tendência a localizar sua origem na Palestina, havendo mesmo quem, como Ebert, emita a opinião de que “a julgar-se pelas aparências, foi êle, a princípio, um prosélito dos judeus (140)”.

Na verdade, encontramos em Comodiano o mesmo rancor dos israelitas contra Roma, e com a mesma ênfase apocalíptica, como se pode particularmente vêr pela última parte do poema; aí notam-se trechos bastante significativos, “que traduzem os mais violentos sentimentos de ódio causados pelo mundo antigo (141)”, como o seguinte:

“Que desapareça para sempre êste império onde reinava a iniquidade, que, pelos tributos que por tôda a parte levantava sem piedade, fizera emagrecer o mundo...” “Ela (Roma) chora por tôda a eternidade, ela, que se jactava de ser eterna (142).”

A semelhança com os oráculos judeu-cristãos é notável na passagem dos tributos, particularmente na referência à cupidez romana (143), e o mesmo contato transparece em outros trechos, como naquele em que, após tratar do segundo Anti-Cristo, Belial, que acabaria por destruir a própria Roma, o autor prevê a sua derrota pelo “povo dos Justos”, resto das tribos fiéis, mantido em reserva por Deus (14); parece-nos claro que, imediatamente, tais linhas evocam-nos o livro VIII dos oráculos, nos seus versos 140-141.

Comodiano, entretanto, deve ainda preocupar-nos aqui por dois aspectos dignos de nota: em primeiro lugar porque, ao mesmo tempo que ataca os pagãos, volta-se êle também contra os judeus, nas suas “Instruções” (145); e em segundo, pelo seu pouco contato com a cultura clássica e pela sua animadversão em relação a esta, o que é admitido unanimemente pelos autores por nós consultados. Aliás, podemos adiantar que Genádio, por exemplo, trata de Comodiano em termos bem pouco lisonjeiros: “Scripsit mediocri sermone quasi verso (146)”. Êste último traço, principalmente, parece-nos

zu der Übersetzung “ein aus dem Kirchenschatze Unterstützer” gelangt. Das Natürlichste bleibt es jedenfalls, unter Gazaeus einem Mann aus Gaza zu verstehen, und am nächsten liegt es ohne Frage, an Gaza in Palästina zu denken”. (“Geschichte der altkirchlichen Literatur”, II, pág. 585).

A favor da Africa como pátria do poeta, cf. Lebreton, “De la fin du 2.^e siècle à la Paix Constantinienne”, pág. 379; Raby, “A History of Latin-Christian poetry”, pág. 12; Monceaux, “Histoire de la littérature latine chrétienne”, pág. 73.

(140). — “Histoire générale de la littérature du Moyen Age en Occident”, I, pág. 101; Bardenhewer, op. cit., II, pág. 585.

(141). — Pichon, “Histoire de la littérature latine”, pág. 787.

(142). — Carmen, 923-2, 58 e 580, ap. Boissier, “La Fin du Paganisme”, II, pág. 36.

(143). — Ja no século III os cristãos louvavam a Pax Romana (cf. Tertuliano), e não combatiam-na por motivos financeiros. Isto era muito mais próprio aos judeus, e aqui Comodiano assemelha-se muito mais a êles do que aos cristãos; aliás, em muitos pontos, como vimos.

(144). — Cf. Boissier, “La Fin du Paganisme”, II, pág. 35.

(145). — Por exemplo, I, 34. Cf. Boissier, II, pág. 32; Pichon, op. cit., pág. 574-575.

(146). — “De Viris illustribus”, XV, ap. Lebreton, “De la fin du 2.^e siècle à la Paix Constantinienne”, pág. 380, n. 2; Cf. Labriolle, op. cit., pág. 235. Nota-se também, que S. Jerônimo não o inclui ao seu “De Viris”.

justificar o fato de que nos tenhamos ocupado de Comodiano logo depois do Apocalipse, apesar da diferença de tempo que medeia entre os dois. E' que aqui, em se tratando de idéias, o fator tempo passa a ter uma importância secundária: Comodiano, situado pelo menos no III século, está como que atrasado em relação à sua época, prendendo-se mais ao Apocalipse do que a autores cristãos do tipo de Tertuliano ou Latâncio. Estes, vivendo num ambiente de perseguição aos cristãos, o que seria uma justificativa razoável para a expressão do ódio a Roma, são muito cuidadosos nos seus contra-ataques; se fazem alusões ao castigo que poderá cair sobre a cidade, fazem-no com grande discreção (147), ou desviam os seus ataques para os imperadores, poupando a cidade que logo deveria ser louvada, e não condenada pelos cristãos.

Quer nos parecer que Comodiano é o último autor cristão a combater a cidade de Roma à maneira judia, e já vimos em que condições. Quanto aos judeus, suas invectivas à cidade não cessaram, desenvolvendo-se ainda sob a forma de literatura apocalíptica, como se pode ver pelo IV livro de Esdras e pelo Apocalipse siríaco de Baruch (148). Tomando-se o IV Esdras e considerando-se as duas datas extremas que são supostas como assinalando a sua composição, isto é, as de 95 (aproximadamente) e de 120, encontrá-las-emos em períodos de real significação para as relações entre os judeus e Roma: a primeira, em pleno governo de Domiciano, do perseguidor e cúvido adversário do Judaísmo; a segunda, logo após a morte de Trajano, num momento em que os judeus acabavam de lançar uma cartada de grande responsabilidade no seu jogo anti-romano, com aquela rebelião tão enérgicamente reprimida pelos delegados imperiais. Assim, num e noutro caso, o ambiente se mostra favorável ao aparecimento de apocalipses. A mesma coisa se observa com o Apocalipse siríaco de Baruch (ou II Baruch): se optarmos pela data que Renan propõe, cairemos no mesmo caso anterior; se pela fixada por Charles para sua redação final, ver-nos-emos entre os anos 50 e 90 e, portanto, na época da grande rebelião de Jerusalem sob

(147). — Cf., por exemplo, Tertuliano, "Apologetica", XXXII, 1; S. Cipriano, ad Demetrianum, XXI; Latâncio, com seu trabalho "De mortibus persecutorum". Cf. Labriolle, "Histoire de la littérature latine chrétienne", pág. 241, n. 3.

(148). — Como acontece geralmente com tais obras, há divergências quanto à data da composição, o que, aliás, não é de grande interesse para nós, uma vez que todas as datas propostas estão dentro do período de que tratamos. Para Renan o IV Esdras precederia o de Baruch, datando de 97 ("L'Apocalypse de l'an 97", in *Revue des deux mondes*, 1/III/1847, págs. 127-144), enquanto que o segundo seria do ano 117 ("L'Apocalypse de Baruch", in *Journal des Savants*, 1871, págs. 222-231, ap. Batiffoll, art. "Apocalypses apocryphes", in "Dictionnaire de la Bible" de Vigouroux); já para outros, assim como Charles ("Religious development between the old and the new Testaments", págs. 242 ss.) e Sigwalt ("Die Chronologie der syrischen Baruchapokalypse, in "Bibl. Zeitschr." 9 (1911) 397 e ss. e "Die Chronologie des 4. Buches Esras", in "Bibl. Zeitschr." 9 (1911), pág. 164-8, ap. Christ, "Geschichte der griechischen Literatur", II, págs. 581, n. 1 e 582, n. 1), tal ordem deve ser invertida, ficando o de Baruch na segunda metade do século I (ano 82, para Sigwalt) e o de Esdras em 120, para Charles, e em 100, para Sigwalt. Veja-se também, para a questão da data, as introduções aos referidos livros in Kautzsch, "Die Apokryphen und Pseudo-epigraphen des Alten Testaments", págs. 352 e 407.

Nero e Vespasiano (149). De qualquer maneira, então, teremos sempre momentos de grande importância para o povo judeu, e sempre situações semelhantes às que, sob Antíoco IV, condicionaram o aparecimento do primeiro apocalipse. Não é de admirar, assim, que o livro de Daniel seja tomado pelos autores do livro de Baruch e do IV Esdras, reaparecendo na propaganda anti-romana os mesmos temas da propaganda anti-selêucida: a divisão da História em períodos designados por impérios correspondentes a uma degradação e a destruição do último, marcando o início de uma era de felicidade para os judeus. O IV Esdras é mesmo o primeiro documento em que se interpreta o episódio do sonho Nabucodonosor com aplicação a Roma (150), mas sem que isto signifique que só na época da composição deste livro tivesse surgido tal idéia; aliás, é exatamente o contrário o que nos dizem Strack e Billerbeck, apoiados pela autoridade de Linder: “se o autor do IV Esdras é o primeiro de que temos notícia a explicar o quarto império de Daniel como sendo Roma, isto não quer dizer que tenha a primazia desta interpretação. Esta é muito mais antiga. Pode-se dizer, com segurança, que nos últimos quarenta anos de existência do Templo não havia judeu algum que não visse no Império Romano o último império mundial inimigo de Deus (151).” E o IV Esdras, adotando este ponto de vista comum dominante entre os israelitas, abre-se então numa série de imprecações contra a cidade pecadora, a Babilônia prestes a cair:

“Tu reinaste sobre o mundo pelo terror e não pela verdade. Tu esmagaste os homens doces, tu perseguiste os que amavam a paz, odiaste os justos, amaste os mentirosos, humilhaste as muralhas daqueles que não te haviam feito mal algum. Tuas violências subiram até o trono do Eterno, e teu orgulho chegou até o Todo-Poderoso. O Altíssimo consultou então o quadro dos tempos e viu que a medida estava cheia, que seu momento havia chegado. Por isto tu vais desaparecer, tu, ó águia, e tuas asas horríveis, e tuas aguazinhas malditas, e tuas cabeças perversas, e tuas unhas detestáveis, e todo o teu corpo sinistro, a fim de que a terra possa respirar... (152).”

A mesma idéia dos impérios, de sua degradação e de Roma como o último deles encontra-se no Apocalipse siríaco de Baruch (153), que profetiza a ruína de Roma pelo fogo e sua ocupação pe-

(149). — Charles, op. cit. pág. 244; Cf. Sanford, “Contrasting views”, pág. 448.

(150). — IV Esdras, 12, 11; cf. Bousset, “Die Religion”, pág. 218.

(151). — “Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch” IV, 2, pág. 1002, ap. Linder, “Commentarius in Librum Daniel”, pág. 155, n. 1. É interessante que o autor do IV Esdras refere-se mesmo a Daniel em termos que mostram a sua importância como modelo para os israelitas que quisessem manter-se fiéis ao Judaísmo. (Cf. XIV, 4, 20; XXVIII, 3).

(152). — Ap. Renan, “L’Apocalypse de l’an 97”, pág. 140.

(153). — 39, 3 e ss.: “...virão dias em que este reino, que outrora destruiu Zion, será também destruído por aquêle que vier após ele. Mas mais tarde, também este, após algum tempo, será destruído e surgirá um outro, o terceiro. E este também, na sua época, apoderar-se-á do domínio e depois será destruído.

los demônios, enquanto caberá a Jerusalem regozijar-se pela reunião de todos os seus filhos dispersos; terá então início o reinado do Messias.

A grande rebelião judia durante o governo de Adriano (154), colocada sob a chefia espiritual do rabino Aquiba, é, por si só, um testemunho da hostilidade judia a Roma, mas — como sempre — a luta se processou não somente no campo material mas também no espiritual; daí a participação de Aquiba por meio de escritos, não faltando mesmo quem ligue a este rabino o próprio Apocalipse siríaco de Baruch, bem como a "Assunção de Moisés", obra composta de caráter apocalíptico em que também se encontram amargas referências ao domínio romano e expressões de esperanças na justiça divina (155).

A partir de 135, data da dispersão definitiva dos judeus em virtude de sua derrota e da terrível repressão exercida pelos romanos (156), o ataque a Roma passou a ser um traço comum na sua literatura, particularmente na produção rabínica, rica em cálculos sobre o fim de Roma e em alusões à opressão romana. "A justiça romana era louvada, mas odiada a capacidade de seus venais juizes. A cidade de Roma, seus edifícios, riquezas e tradições eram admirados, mas sua vida social era condenada e os romanos, em geral, eram considerados avarentos e ambiciosos, legítimos represen-

E depois levantar-se-á o quarto reino, cujo domínio será pior e mais duro do que o dos outros, que existiram antes dele; e governará durante muito tempo, como a Ilíada à planície, e manterá por muito tempo a supremacia e levantar-se-á mais alto do que os cedros do Líbano. E nele deverá estar oculta a verdade, e para ele fugirão todos os que por crimes estiverem maculados, do mesmo modo como os animais selvagens fogem para a floresta e no seu seio se refugiam. E quando chegar a época do seu fim, para que ele caia, então revelar-se-a o domínio do meu Messias, que se assemelha à fonte e à cepa da videira".

(154). — Cf. Graetz, "A History of the Jews", II, pág. 407 ss.; Juster, "Les Juifs dans l'empire Romain", II, pág. 190 e ss.; Ricciotti, "Histoire d'Israel", II, pág. 570 ss. Quanto a Aquiba, enorme foi o seu prestígio entre os judeus, podendo rivalisar neste ponto com o próprio Moisés (Cf. Simon, "Verus Israel", pág. 225, n. 4; "Jewish Encyclopedia", art. Akiba ben Joseph). Adriano, por sua vez, adquiriu um lugar particularmente importante no ódio judeu, o que se reflete até em documentos bem posteriores ao século II, como por exemplo, no "Ruth Rabba", cuja composição parece poder localizar-se no século VI (Cf. Fleg, "Anthologie Juive", I, pág. 200).

(155). — Grande número de intérpretes coloca o aparecimento deste livro durante o século I (cf. Kautzsch, op. cit., pág. 313), mas não há unanimidade a respeito, como se vê pela seguinte passagem: "Die Erzählung führt bis in die Zeit nach dem Tode des Herodes des Grossen; in diese Zeit haben die meisten Forscher auch die Entstehung der Schrift verlegt (R. H. Charles, zwischen 7 und 30 n. Chr.). Aber dieser Ansatz kann kaum mehr aufrecht erhalten werden. Wenn auch die Deutung im einzelnen unsicher und vor allem die Zeitrechnung des Verfassers schwer zu deuten ist, so weisen doch manche Spuren in die Zeit Hadrians und das Jahr 131 oder 132 wird als Entstehungsjahr anzunehmen sein". (Christ, op. cit., II, pág. 580). Rosenthal ("Vier apokryphische Bücher aus der Zeit und Schule R. Akibas", Berlin, 1885), expressou a opinião de que a "Assunção de Moisés", assim como II Baruch e IV Esdras foram devidos à escola de Aquiba; cf. Charles, "Religious development", pág. 244, n. 1. que combate esta hipótese.

Quanto aos trechos deste livro que interessam ao nosso assunto, são eles VI, 8-9 e X, 8-10 (Cf. Glover, "The conflict of religions in the early Roman Empire", pág. 170-171).

A respeito da "Assunção de Moisés", em geral, cf. Lagrange, "Le Judaïsme avant Jésus-Christ", pág. 237 e ss..

(156). — Cf. Ricciotti, op. cit., II, pág. 580.

tantes de uma "Idade do Ferro". Em geral, a teoria do Império era considerada admirável, mas desprezível a sua prática (157)".

E a imagem dos quatro impérios de Daniel continuou a servir aos judeus para o anúncio do fim de Roma como o último dos impérios; é o que se verifica, por exemplo, no comentário rabínico "Mechiltha in librum Exodi", do século II, no "Targum Ps. Jonathani, ad Habacuc", além de muitos outros que, coligidos por Strack e Billerbeck, mostram ser esse um ponto de vista comum aos judeus (158).

Acreditamos, em vista do que foi dito, poder-se fixar de maneira clara a diferença entre o aparecimento de Comodiano entre os cristãos, como anti-romano, e toda a literatura judia do mesmo tipo. O primeiro representa um fenômeno esporádico, de cuja legítima formação cristã pode-se duvidar em muitos pontos, e que chegou a não ser aceito pelos próprios cristãos (159); quando muito, representaria êle um sentimento popular (160) de hostilidade a Roma em virtude das perseguições, e que não estaria em condições de compreender o alcance da altitude dos legítimos representantes do pensamento cristão, atitude essa bem diversa, como veremos. A segunda, é a expressão de uma linha de conduta normal ao Judaísmo, a tal ponto que, depois do ano 70, a propaganda anti-romana e as esperanças da restauração de Zion tornaram-se um lugar comum na literatura judia (161). Os cristãos, entretanto, não acompanharam esta tendência, o que nos leva a poder afirmar que os grandes fatos que dissociaram o Cristianismo do Judaísmo marcaram também o início de uma mudança de atitude dos cristãos em relação a Roma e, certamente, assinalaram o primeiro grande passo na aproximação Igreja-Império.

(*Continua no próximo número*)

PEDRO MOACYR CAMPOS

Livre-docente e assistente da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval (U.S.P.).

(157). — M. Hadas, "Roman allusions in Rabbinical Literature", in Phil. Quart., VIII (1929), págs. 370-386, ap. Sanford, op. cit., pág. 449. Bousset, "Die Religion", págs. 216-217: "Selbst in späteren Jahrhunderten war an der eigentlich messianischen Hoffnung dies die Hauptsache: die Umkehrung aller Machtverhältnisse. Israel muss zu seinem Rechte kommen sein". No século V os oráculos sibílinos eram plenamente divulgados pelo Mediterrâneo, como se infere do que se lê na "Cidade de Deus" de Sto. Agostinho, XVIII, 23.

(158). — Cf. "Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch", IV, 394, IV, págs. 858, 1002, 1004, 1203. Além disto, notam-se ainda os seguintes exemplos de sentimento anti-romano: Roma comparada ao porco, III, 393, 394; Roma como adversária do Messias, IV, 873, 875; Deus castigando Roma, III, 823, IV, 858, 862; previsão da queda sobre Roma das pragas que assolaram o Egito, III, 818. Cf. Linder, op. cit., págs. 155-156.

(159). — Rand, in "Cambridge Ancient History", XII, pág. 605.

(160). — Sobre sua própria origem plebéia. Cf. Lebreton, "De la fin du 2.^e siècle à la Paix Constantiniene", pág. 379. O estudo de sua linguagem parece demonstrar também que escreveu para o elemento popular; cf. Devoto, "Storia della lingua di Roma", pág. 323; Annatucci, "La letteratura di Roma Imperiale", pág. 177; Monceaux, op. cit., pág. 74.

(161). — Charles, "Religious development", pág. 244, n. 1.